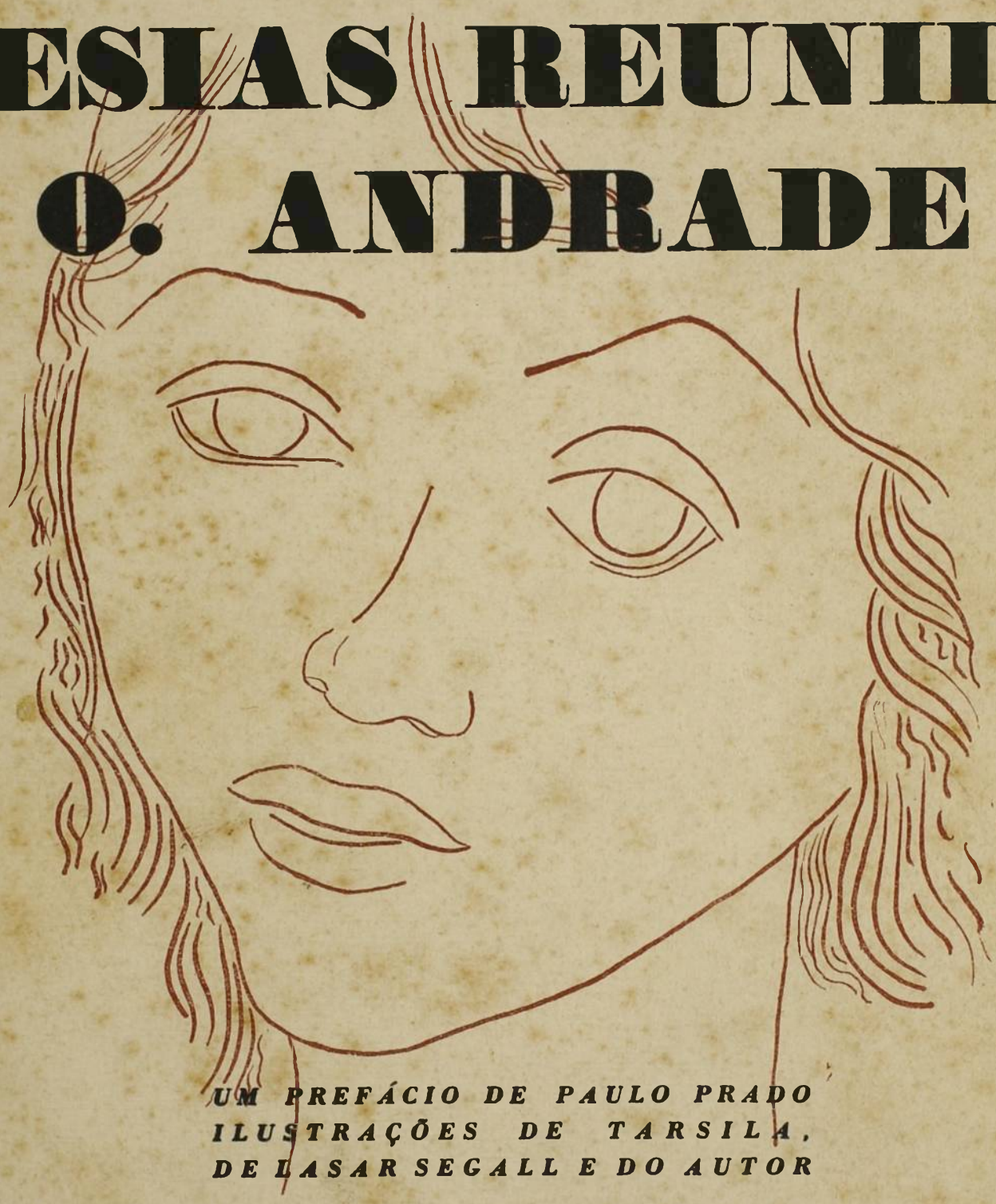
EX-LIBRIS
BORBA
MORAES
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

POESIAS REUNIDAS
O. ANDRADE



UM PREFÁCIO DE PAULO PRADO
ILUSTRAÇÕES DE TARSILA,
DE LASAR SEGALL E DO AUTOR

EDIÇÕES GAVETA
SÃO PAULO
1945

POESIAS REUNIDAS
O. ANDRADE

POESIAS REUNIDAS
O. ANDRADE

CONTENDO:

PAU BRASIL 1925
PRIMEIRO CADERNO DO ALUNO
DE POESIA OSWALD DE ANDRADE 1927
CÂNTICO DOS CÂNTICOS PARA
FLAUTA E VIOLÃO 1942
E ALGUNS POEMAS MENORES

UM PREFÁCIO DE PAULO PRADO
ILUSTRAÇÕES DE TARSILA,
DE LASAR SEGALL E DO AUTOR

EDIÇÕES GAVETA
SÃO PAULO
1945

Consta a presente edição de 180 exemplares em papel Buffon de primeira, de 60 quilos, numerados e assinados pelo autor e de 20 exemplares em papel Méca Creme de 60 quilos, marcados de "A" a "T", contendo cada um uma ponta-sêca original de Tarsila.

Exemplar n.º FÓRA DE COMERCIO

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DA EMPRESA GRÁFICA DA "REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA., À RUA CONDE DE SARZEDAS, 38 — SÃO PAULO, PARA "EDIÇÕES GAVETA", EM JANEIRO DE 1945.

PAU BRASIL

CANCION
EIRODEO
SWALDDE
ANDRADE
PREFACI
ADOPORP
AULOPRA
DOILLUM
INADOPO
RTARSIL
A
1 9 2 5

IMPRESSO PELO " SANS PAREIL "
DE PARIS
37, AVENUE KLÉBER

Página de rosto da edição original

. . . marcou definitivamente uma época na poesia nacional

JOÃO RIBEIRO

POESIA PAU BRASIL

"A poesia "pau-brasil" é o ovo de Colombo — êsse ovo, como dizia um inventor meu amigo, em que ninguem acreditava e acabou enriquecendo o genovês. Oswald de Andrade, numa viagem a Paris, do alto de um atelier da Place Clichy — umbigo do mundo — descobriu deslumbrado, a sua propria terra. A volta á patria confirmou, no encantamento das descobertas manuelinas, a revelação surpreêndente de que o Brasil existia. Esse fato, de que alguns já desconfiavam, abriu seus olhos á visão radiosa de um mundo novo, inexplorado e misterioso. Estava criada a poesia "pau-Brasil".

Já tardava essa tentativa de renovar os modos de expressão e fontes inspiradoras do sentimento poético brasileiro, há mais de um século soterrado sob o peso livresco das idéas de importação. Um dos aspectos curiosos da vida intelectual do Brasil é êsse da literatura propriamente dita, ter evoluido acompanhando de longe os grandes movimentos da arte e do pensamento europeus, enquanto a poesia se imobilizou no tomismo dos modelos clássicos e românticos, repetindo com enfadonha monotonia, as mesmas rimas, metáforas, ritmos e alegorias. Veio-lhe sobretudo o retardo no crescimento do mal romântico que, ao nascer da nossa nacionalidade, infeccionou tão profun-

damente a tudo e a todos. Com a partida para fóra da colonia do lenço de alcobaça e da caixa de rapé de d. João VI, emigraram por largo tempo dêste país o bom senso terra a terra e a visão clara e burguesa das coisas e dos homens.

Em politica o chamado "grito do Ipiranga" inaugurou a deformação da realidade de que ainda não nos libertamos e nos faz viver num como sonho de que só nos acordará alguma catástrofe bemfeitora. Em literatura, nenhuma outra influência poderia ser mais deleteria para o espírito nacional. Desde o aparecimento dos "Suspiros poéticos e Saudades", de Gonçalves de Magalhães, que os nossos poetas e escritores, até os claros dias de hoje, têm bebido inspirações no craneo humano cheio de bourgogne com que se embebedava Child Harold nas orgias de Newstead. O lirismo puro, simples e ingênuo, como um canto de passaro, só o exprimiram talvez dois poetas quasi desprezados — um, Casimiro de Abreu, relegado à admiração das melindrosas provincianas e caixeiros apaixonados; outro, Catulo Cearense, trovador sertanejo, que a mania literária já envenenou. Foram êsses, melancólicos, desalinhados e sinceros, os dois únicos intérpretes do ritmo profundo e íntimo da Raça, como Ronsard e Musset na França, Mœriken e Uhland na Alemanha, Chaucer e Buns na Inglaterra, e Whitmann nos Estados Unidos. Os outros são lusitanos, franceses, espanhois, inglêses e alemães, versificando numa língua estranha que é o português de Portugal, esbanjando talento e mesmo genio num desperdício lamentavel e nacional.

O verso clássico:

Sur des pensers nouveaux, faisons des vers antiques

está também errado. Não só mudaram as idéas inspiradoras da poesia, como também os moldes em que ela se encerra. Encaixar na rigidez de um soneto todo o baralhamento da vida moderna é absurdo e ridículo. Descrever com palavras laboriosamente extraidas dos clássicos portuguêses e desentranhadas dos velhos dicionários, o pluralismo cinemático de nossa época, é um anacronismo chocante, como se encontrassemos num Ford um tricórnio sôbre uma cabeça empoada, ou num torpedo a alta gravata de um dandi do tempo de Brummel. Outros tempos, outros poetas, outros versos. Como Nietzsche, todos exigimos que nos cantem um canto novo.

A poesia "pau-brasil" é, entre nós, o primeiro esforço organisado para a libertação do verso brasileiro. Na mocidade culta e ardente de nossos dias, já outros iniciaram, com escândalo e sucesso, a campanha de liberdade e de arte pura e viva, que é a condição indispensavel para a existência de uma literatura nacional. Um período de construção criadora sucede agora às lutas da época de destruição revolucionária, das "palavras em liberdade". Nessa evolução e com os caracteristicos e suas individualidades, destacam-se os nomes já consagrados de Ronald de Carvalho, Mario de Andrade e Guilherme de Almeida, não falando nos rapazes do grupo paulista, modesto e heróico.

O manifesto de Oswald, porém, dizendo ao público o que muitos aqui sabem e praticam, tem o mérito de dar uma disciplina ás tentativas esparsas e hesitantes. Poesia "pau-brasil". Designação pitoresca, incisiva e caricatural, como foi a do confetismo e fauvismo para os néo-impressionistas da pintura, ou a do cubismo nestes últimos quinze anos. E' um epíteto que nasce com todas as promessas de viabilidade.

A mais bela inspiração e a mais fecunda encontra a poesia "pau-brasil" na afirmação desse nacionalismo que deve romper os laços que nos amarram desde o nascimento á velha Europa, decadente e exgotada. Em nossa história já uma vez surgiu êsse sentimento agressivo, nos tempos turbados da revolução de 93, quando "pau-brasil" era o jacobinismo dos Tiradentes de Floriano. Sejamos agora de novo, no cumprimento de uma missão étnica e protetora, jacobinamente brasileiros. Libertemo-nos das influências nefastas das velhas civilisações em decadência. Do novo movimento deve surgir, fixada, a nova língua brasileira, que será como esse "Amerenglish" que citava o Times *referindo-se aos Estados-Unidos. Será a rehabilitação do nosso falar quotidiano,* sermo plebeius *que o pedantismo dos gramáticos tem querido eliminar da língua escrita.*

Esperemos tambem que a poesia "pau-brasil" extermine de vez um dos grandes males da raça — o mal da eloquência balofa e roçagante. Nesta época apressada de rápidas realisações e tendência é toda para a expressão rude e núa da sensação e do sentimento, numa sinceridade total e sintética.

"Le poète japonais
Essui son couteau:
Cette fois l'éloquence est morte".

diz a haïkaï japonez, na sua concisão lapidar. Grande dia êsse para as letras brasileiras. Obter, em comprimidos, minutos de poesia. Interromper o balanço das belas frases sonoras e ôcas, melopéa que nos aproxima, na sua primitividade, do canto erótico dos pássaros e dos insétos. Fugir também do dinamismo retumbante das modas em atrazo que aqui aportam, como o

futurismo italiano, doze anos depois do seu aparecimento, decrépitas e tresandando à naftalina. Nada mais nocivo para a livre expansão do pensamento meramente nacional do que a importação, como novidade, dessas fórmulas exóticas, que envelhecem e murcham num abrir e fechar de olhos, nos cafés literários e nos cabarés de Paris, Roma ou Berlim. Deus nos livre dêsse snobismo rastacuérico, de todos os "ismos" parasita das idéas novas, e sobretudo das duas inimigas do verdadeiro sentimento poético — a Literatura e a Filosofia. A nova poesia não será nem pintura, nem escultura, nem romance. Simplesmente poesia com P grande, brotando do sólo natal, inconscientemente. Como uma planta.

O manifesto que Oswald de Andrade publica encontrará nos que lêm (essa ínfima minoria) escárneo, indignação e mais que tudo — incompreênsão. Nada mais natural e mais razoavel: está certo. O grupo que se opõe à qualquer idéa nova, à qualquer mudança no ramerrão das opiniões correntes é sempre o mesmo: é o que vaiou o Hernani *de Victor Hugo, o que condenou nos tribunais Flaubert e Baudelaire, é o que pateou Wagner, escarneceu de Mallarmé e injuriou Rimbaud. Foi êsse espírito retrógrado que fechou o* Salon *oficial aos quadros de Cézanne, para o qual Millerand pede hoje as honras do Panthéon; foi inspirado por ele que se recusou uma praça de Paris para o Balzac de Rodin. É o grupo dos novos-ricos da Arte, dos empregados públicos da literatura, Acadêmicos de fardão, Genios das províncias, Poetas do "Diario Oficial". Êsses defendem as suas posições, pertencem à maçonaria da Camaradagem, mais fechada que a da política; agarram-se às tábuas desconjuntadas das suas reputações: são os bonzos dos templos*

consagrados, os santos das capelinhas literárias. Outros, são a massa gregária dos que não compreêndem, na inocência da sua curteza, ou no afastamento forçado das coisas do espírito. Destes falava Rémy e Gourdmont quando se referia a "ceux qui ne comprennent pas". Deixemo-las em paz, no seu contentamento obtuso de pedra bruta, ou de muro de taipa, inabalavel e empoeirado.

Para o glú-glú desses perús de roda, só há duas respostas: ou a alegre combatividade dos moços, a verve dos entusiasmos triunfantes, ou para o ceticismo e o aquoibonismo dos já descrentes e cançados, o refúgio de que falava o mesmo Gourmont, no Silencio das Torres (das Torres de marfim, como se dizia).

Maio, 1924.

Paulo PRADO.

por ocasião da
descoberta do brasil

escapulario

No Pão de Assucar
De Cada Dia
Dai-nos Senhor
A Poesia
De Cada Dia

falação

O Cabralismo. A civilização dos donatários. A Querência e a Exportação.

O Carnaval. O Sertão e a Favela. Pau-Brasil. Bárbaro e nosso.

A formação étnica rica. A riqueza vegetal. O minério. A cozinha. O vatapá, o ouro e a dança.

Toda a história da Penetração e a história comercial da América. Pau-Brasil.

Contra a fatalidade do primeiro branco aportado e dominando diplomaticamente as selvas selvagens. Citando Virgilio para os tupiniquins. O bacharel.

País de dores anônimas. De doutores anônimos. Sociedade de náufragos eruditos.

Donde a nunca exportação de poesia. A poesia emaranhada na cultura. Nos cipós das metrificações.

Século vinte. Um estouro nos aprendimentos. Os homens que sabiam tudo se deformaram como babéis de borracha. Rebentaram de enciclopedísmo.

A poesía para os poetas. Alegria da ignorância que descobre. Pedr'Alvares.

Uma sugestão de Blaise Cendrars: — Tendes as locomotivas cheias, ides partir. Um negro gira a manivela do desvio rotativo em que estais. O menor descuido vos fará partir na direção oposta ao vosso destino.

Contra o gabinetismo, a palmilhação dos clímas.

A língua sem arcaísmos. Sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os êrros.

Passára-se do naturalismo à pirogravura doméstica e à kodak excursionista.

Todas as meninas prendadas. Virtuoses de piano de manivela.

As procissões saíram do bojo das fábricas.

Foi preciso desmanchar. A deformação através do impressionismo e do símbolo. O lirismo em folha. A apresentação dos materiais.

A coincidência da primeira construção brasileira no movimento de reconstrução geral. Poesía Pau-Brasil.

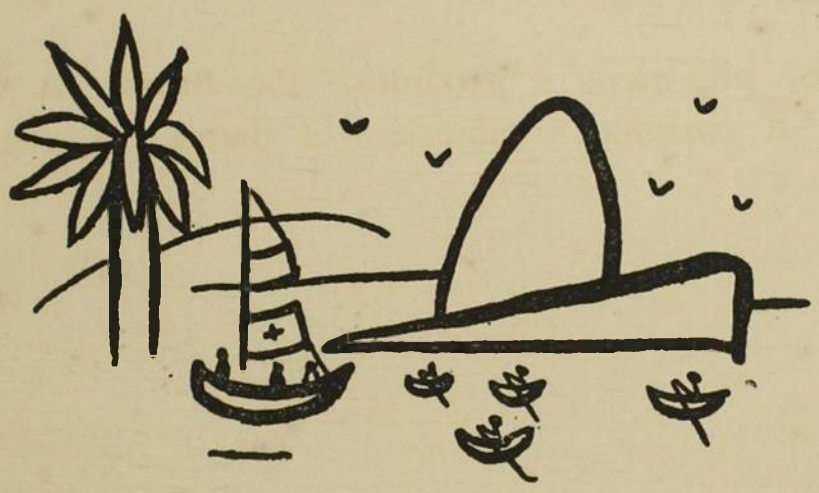
Contra a argúcia naturalista, a síntese. Contra a cópia, a invenção e a surprêsa.

Uma perspectiva de outra ordem que a visual. O correspondente ao milagre físico em arte. Estrêlas fechadas nos negativos fotográficos.

E a sábia preguiça solar. A resa. A energía silenciosa. A hospitalidade.

Bárbaros, pitorescos e crédulos. Pau-Brasil. A floresta e a escola. A cozinha, o minério e a dança. A vegetação. Pau-Brasil.

HISTORIA DO BRASIL



PERO VAZ CAMINHA

a descoberta

Seguimos nosso caminho por este mar de longo
Até a oitava da Paschoa
Topamos aves
E houvemos vista de terra

os selvagens

Mostraram-lhes uma gallinha
Quasi haviam medo della
E não queriam pôr a mão
E depois a tomaram como espantados

primeiro chá

Depois de dansarem
Diogo Dias
Fez o salto real

as meninas da gare

Eram tres ou quatro moças bem moças e bem gentis
Com cabellos mui pretos pelas espadoas
E suas vergonhas tão altas et tão saradinhas
Que de nós as muito bem olharmos
Não tinhamos nenhuma vergonha

hospedagem

Porque a mesma terra he tal
E tam favoravel aos que a vam buscar.
Que a todos agazalha e convida

corografía

Tem a forma de hua harpa
Confina com as altissimas terras dos Andes
E faldas do Perú
As quaes são tão soberbas em cima da terra
Que se diz terem as aves trabalho em as passar

salubridade

O ser ella tam salutifera e livre de enfermidades
Procede dos ventos que cruzam nella

E como todos procedem da parte do mar
Vem tam puros e coados
Que nam somente nam danam
Mas recream a accrescentam a vida do homem

sistema hidrografico

As fontes que ha na terra sam infinitas
Cujas aguas fazem crescer a muytos e muy grandes rios
Que por esta costa
Assi da banda do Norte como do Oriente
Entram no mar oceano

país do ouro

Todos tem remedio de vida
E nenhum pobre anda pelas portas
A mendigar como nestes Reinos

natureza morta

A esta fruita chamam Ananazes
Depois que sam maduras tem un cheiro muy suave
E come-se aparados feitos em talhada
E assi fazem os moradores por elle mais
E os tem em mayor estima
Que outro nenhum pomo que aja na terra

riquezas naturaes

Muitos metaes pepinos romans e figos
De muitas castas
Cidras limões a laranjas
Uma infinidade
Muitas cannas daçucre
Infinito algodam
Tambem ha muito páo brasil
Nestas capitanias

festa da raça

Hu certo animal se acha tambem nestas partes
A que chamam Preguiça
Tem hua guedelha grande no toutiço
E se move com passos tam vagarosos
Que ainda que ande' quinze dias aturado
Não vencerá a distancia de hu tiro de pedra

O CAPUCHINHO CLAUDE D'ABBEVILLE

a moda

Les femmes n'ont point la lèvre percée
Mais en récompense
Elles ont les oreilles trouées
Et elles s'estiment aussi braves
Avec des rouleaux de bois dedans les trous
Que font les dames de pardeça
Avec leurs grosses perles et riches diamants

cá e lá

Cette coustume de marcher nud
Est merveilleusement difforme et deshonneste
N'estant peut estre si dangereuse
Ni si attrayante

Que les nouvelles inventions
Des dames de pardeça
Qui ruinent plus d'âmes
Que ne le font les filles indiennes

o país

Il y a une fontaine
Au beau milieu
Particulière en beauté
Et en bonté
Des eaux vives et très claires
Rejaillissent dicelle
Et ruissellent dedans la mer
Estant environnée
De palmiers guyacs myrtes
Sur lesquels
On voit souvent
Des monnes et guenons

FREI VICENTE DO SALVADOR

paisagem

Cultivam-se palmares de cocos grandes
Principalmente á vista do mar

as aves

Ha aguias de sertão
E emas tão grandes como as de Africa
Umas brancas e outras malhadas de negro
Que com uma aza levantada ao alto
Ao modo de vela latina
Correm com o vento

amor de inimiga

Posto que alguma
Pelo amor que lhe tem

Solta tambem o preso
E se vae com elle pera suas terras

prosperidade de são paulo

Ao redor desta villa
Estão quatro aldeias de gentio amigo
Que os padres da Companhia doutrinam
Fóra outro muito
Que cada dia desce do sertão

FERNÃO DIAS PAES

carta

Partirei
Com quarenta homens brancos afóra eu
E meu filho
E quatro tropas de mossos meus
Gente escoteyra com polvora e chumbo

Vossa Senhoria
Deve considerar que este descobrimento
E' o de maior consideração
Em rasam do muyto rendimento
E tambem esmeraldas

FREI MANOEL CALADO

civilização pernambucana

As mulheres andam tão louçãs
E tão custosas
Que não se contentam com os tafetás
São tantas as joias com que se adornam
Que parecem chovidas em suas cabeças e gargantas
As perolas rubis e diamantes
Tudo são delicias
Não parece esta terra senão um retrato
Do terreal paraizo

J. M. P. S.

(da cidade do porto)

vício na fala

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para peor pió
Para telha dizem têia
Para telhado dizem teado
E vão fazendo telhados

PRINCIPE DOM PEDRO

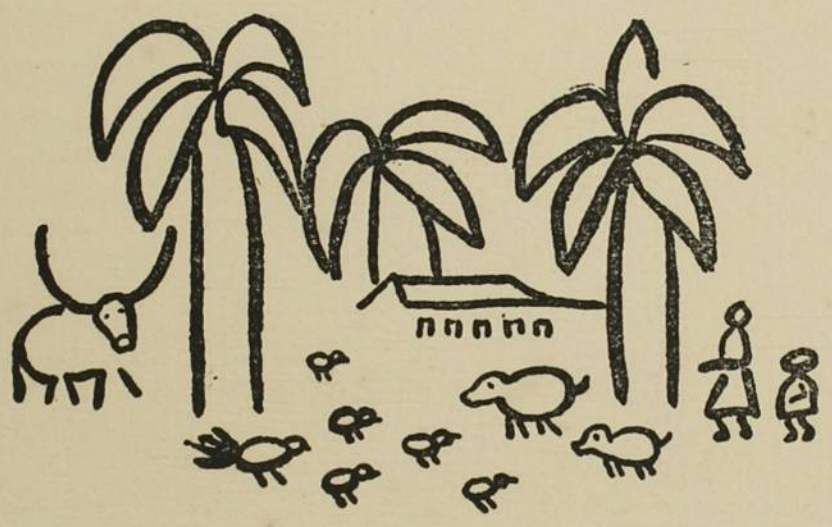
carta ao patriarca

Tendo pensamenteado toda a noite
Assentei passar revista aos Granadeiros
Assim se os enxergar esta tarde no Rossio
Não assente ver Bernarda

Encumbi ao Miquilina
E ao Major do Regimento dos Pardos
Para virem me dar parte
De tudo que se disser pelos Botequins

Estimarei que approve esta medida
E assento que melhores
E mais fieis e adherentes á causa do Brasil
Do que os Pardos meus amigos
Ninguem

POEMAS DA COLONIZAÇÃO



a transação

O fazendeiro criára filhos
Escravos escravas
Nos terreiros de pitangas e jaboticabas
Mas um dia trocou
O ouro da carne preta e musculosa
As gabirobas e os coqueiros
Os monjolos e os bois
Por terras imaginárias
Onde nascería a lavoura verde do café

fazenda antiga

O Narciso marcineiro
Que sabia fazer moinhos e mesas
E mais o Casimiro da cozinha
Que aprendera no Rio
E o Ambrosio que atacou Seu Juca de faca
E suicidou-se
As dezenove pretinhas grávidas

negro fugido

O Jerónimo estava numa outra fazenda
Socando pilão na cozinha
Entraram
Grudaram nêle
O pilão tombou
Éle tropeçou
E caíu
Montaram nêle

o recruta

O noivo da moça
Foi para a guerra
E prometeu se morresse
Vir escutar ela tocar piano
Mas ficou para sempre no Paraguái

caso

A mulatinha morreu
E apareceu
Berrando no moinho
Socando pilão

o gramático

Os negros discutiam
Que o cavalo sipantou

Mas o que mais sabia
Disse que era
Sipantarrou

o medroso

A assombração apagou a candeia
Depois no escuro veiu com a mão
Pertinho dêle
Ver se o coração ainda batia

cêna

O canivete voou
E o negro comprado na cadeia
Estatelou de costas
E bateu coa cabeça na pedra

o capoeira

– Qué apanhá sordado
– O que?
– Qué apanhá?
Pernas e cabeças na calçada

medo da senhora

A escrava pegou a filhinha nascida
Nas costas
E se atirou no Paraíba
Para que a criança não fôsse judiada

levante

Contam que houve uma porção de enforcados
E as caveiras espetadas nos postes
Da fazenda deshabitada
Miavam de noite
No vento do mato

a roça

Os cem negros da fazenda
Comiam feijão e angú
Abóbora chicórea e cambuquíra
Pegavam uma roda de carro
Nos braços

azorrague

— Chega! Peredôa!
Amarrados na escada

A chibata preparava os cortes
Para a salmoura

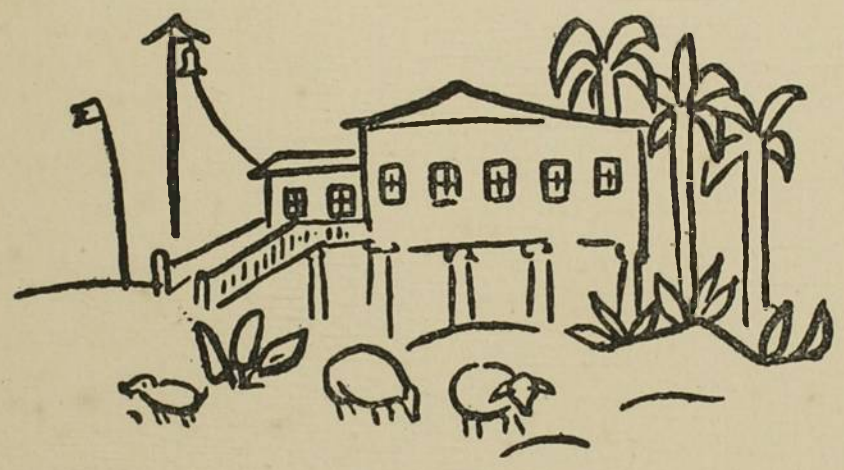
relicário

No baile da Côrte
Foi o Conde d'Eu quem disse
Pra Dona Bemvinda
Que farinha de Suruí
Pinga de Paratí
Fumo de Baependí
É comê bebê pitá e caí

senhor feudal

Se Pedro Segundo
Vier aquí
Com história
Eu boto êle na cadeia

SÃO MARTINHO



noturno

Lá fóra o luar continúa
E o trem divide o Brasil
Como um meridiano

prosperidade

O café é o ouro silencioso
De que a geada orvalhada
Arma torrefações ao sol
Passarinhos assoviam de calor
Eis-nos chegados á grande terra
Dos cruzados agrícolas
Que no tempo de Fernão Dias
E da escravidão
Plantaram fazendas como sementes
E fizeram filhos nas senhoras e nas escravas
Eis-nos diante dos campos atávicos
Cheios de galos e de rêzes
Com porteiras e trilhos

Usínas e igrejas
Caçadas e frigoríficos
Eleições tribunais e colonias

paisagem

O cafesal é um mar alinhavado
Na aflição humorística dos passarinhos
Nuvens constroem cidades nos horizontes dos carreadores
E o fazendeiro olha os seus 800.000 pés coroados

bucólica

Agora vamos correr o pomar antigo
Bicos aéreos de patos selvagens
Tetas verdes entre folhas
E uma passarinhada nos váia
Num tamarindo
Que decola para o anil
Arvores sentadas
Quitandas vivas de laranjas maduras
Vespas

escola rural

As carteiras são feitas para anõezinhos
De pé no chão

Há uma pedra negra
Com sílabas escritas a gíz
A professora está de licença
E monta guarda a um canto numa vara
A bandeira alvi-negra de São Paulo
Enrolada no Brasil

pae negro

Cheio de rótulas
Na cara nas muletas
Pedindo duas vêzes a mesma esmola
Porque só enxerga uma nuvem de mosquitos

assombração

6 horas
O Domingos Papudo
E a besta preta
Nadando no vento

lei

Depois da criação do município novo
Plantado depressa nas ruas de poeira
Os bebés inumeraveis da colonia
Serão registados em Pradópolis

tragédia passional

Hoje acendem velas
Na cruz no mato
E há uma inscrição
Dizendo que o cadaver da moça
Foi achado nel Rio del' Onza

morro azul

Passarinhos
Na casa que ainda espera o Imperador
As antenas palmeiras escutam Buenos-Aires
Pelo telefone sem fios
Pedaços de ceu nos campos
Ladrilhos no ceu
O ar sem veneno
O fazendeiro na rede
E a Torre Eifel noturna e sideral

o violeiro

Vi a saída da lua
Tive um gosto singulá
Em frente da casa tua
São vortas que o mundo dá

mate chimarão

Depois da churrascada
Ao fogo e ao vento
O cavaleiro do gado
Trouxe ouro em pó
E uma cúia festiva
Para sorvermos a digestão

a laçada

O Bento caíu como um touro
No terreiro
E o médico veiu de Chevrolé
Trazendo um prognóstico
E toda a minha infância nos olhos

versos de dona carrie

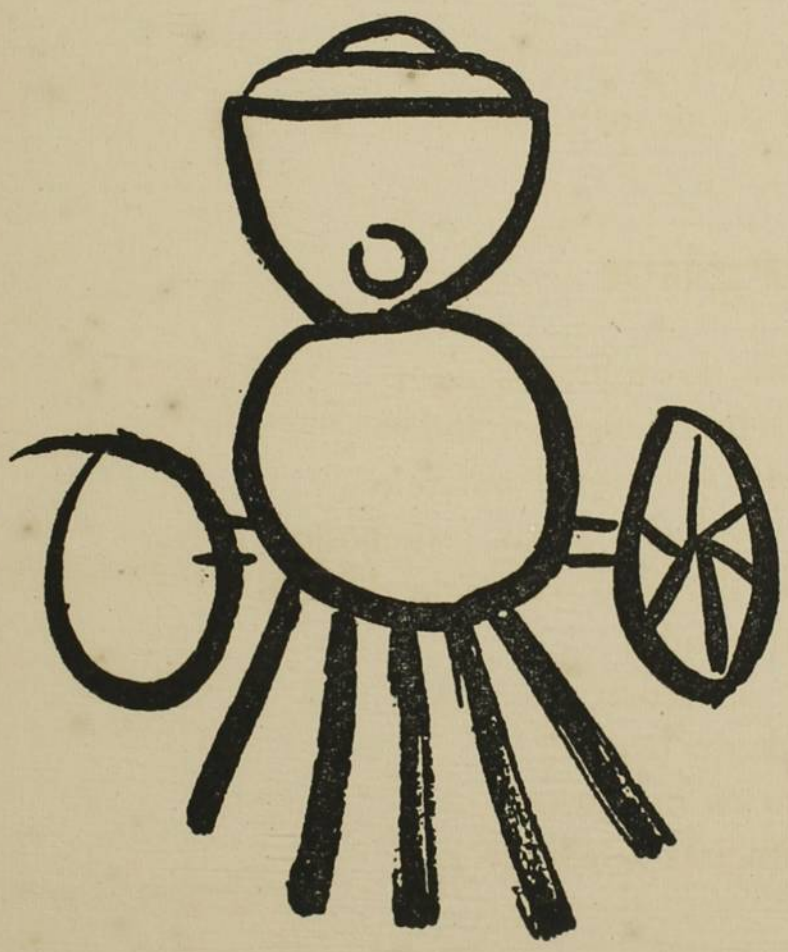
A neblina nos ségue com um convidado
Mas ha um clarão para as bandas de Loreto
Cafezais
Cidades
Que a Paulista recorta
Corôa colhe e esparrama em safras
A nova poesia anda em Gofredo
Que nos espera de Forde

Numa roupa clara da fazenda
É êle quem cuida da plantação
E organiza a serraria como um poêma
O time feminino nos bate
Mas Cendrars faz a última carambola
Soldado de todas as guérras
Foi êle quem salvou a França na Champagne
E os homens na partida de bilhar daquela noite
Terraço
Rede
Paineiras pelo céu
As estrelas de Gonçalves Dias

metalúrgica

1.300º à sombra dos telheiros rétos
12.000 cavalos invisiveis pensando
40.000 toneladas de níquel amarelo
Para saír do nivel das águas esponjosas
E uma estrada de ferro nascendo do solo
Os fornos entroncados
Dão o gusa e a escória
A refinação planta barras
E lá em baixo os operários
Forjam as primeiras lascas de aço

RPI



3 de maio

Aprendí com meu filho de dez anos
Que a poesia é a descoberta
Das coisas que eu nunca ví

poêma do santuário

Já estive diversas vêzes na Aparecida
Onde há uma velha luta
Que é uma antiga disputa
Entre duas casas comerciais
Que querem ao mesmo tempo ser
Na ladeira de sol
A Verdadeira Casa Verde

ditirambo

Meu amor me ensinou a ser simples
Como um largo de igreja

Onde não ha nem um sino
Nem um lápis
Nem uma sensualidade

sol

Uma vez fui a Guará
A Guaratinguetá
E agora
Nesta hora de minha vida
Tenho uma vontade vadía
Como um fotógrafo

guararapes

Japonêses
Turcos
Miguéis
Os hoteis parecem roupas alugadas
Negros como num compêndio de história pátria
Mas que sujeito loiro

walzertraum

Aqui dá arroz
Feijão batata
Leitão e patarata

Passam 18 trens por dia
Fóra os extraordinarios
E o trem leiteiro
Que leva leite para todos os bébés do Rio de Janeiro
Apitos antigos apitam
Sentimentalmente
Eu gosto dos santuarios
Das viagens
E de alguns hoteis
O Bertolini's em Napoles
O d'Angleterre em Caen
Onde Brummel morreu
O hotel da Viuva Fernando na Aparecida
E um hotel sem nome
Na fronteira de Portugal
Onde uma mulher bonita
Quiz fazer pipi
Pela primeira vez

fim e começo

A noite caíu com licença da Câmara
Se a noite não caísse
Que seriam dos lampeões?

cidade

Foguetes pipocam o céu quando em quando
Ha uma moça magra que entrou no cinema

Vestida pela última fita
Conversas no jardim onde crescem bancos
Sapos
Olha
A iluminação é de hulha branca
Mamães estão chamando
A orquéstra rabecôa na mata

bonde

O transatlântico mesclado
Dlendlena e esguicha luz
Postretutas e famias sacolejam

vadiagem mística

Passei quási toda a manhã na Basílica
Resando e olhando
Vi dois casamentos
Bentos
De fraque
O sacristão chama-se Seu Bentinho
E a gente logo que sái da igreja
Cái no rio espraiado
O hoteleiro de meu hotel
Tem côr de medalha de pescoço
E conta-me que já houve cafezais

Nos pastos
Nos bambusais
Se eu me casasse
Queria uma orquéstra
Bem besta

poêma da cachoeira

E' a mesma estação rente do trem
Toda de pedra furadinha
Meu pai morou alguns anos aquí
Trabalhando
Um dia liquidou
Ativo passivo
Cinco galinhas
E deram-lhe uma passagem de presente
Para que eu nascesse em São Paulo
Como não houvesse estrada de rodagem
Êle foi na de ferro
Comprando frutas pelo caminho

carro restaurante

Portugal ao longo do Tejo
Para dentro de Portugal
Casas amontoadas no dia azul
Um queijo da Estrela

Figos e estrelas
Creme Brasil
Indústria Vassourense
Doce de leite
Agua de Caxambú
A natureza
Sôbre a mesa

nova iguassú

Confeitaria Três Nações
Importação e Exportação
Açougue Ideal
Leiteria Moderna
Café do Papagaio
Armarinho União
No país sem pecados

agente

Quartos para famílias e cavalheiros
Prédio de 3 andares
Construído para êsse fim
Todos de frente
Mobiliados em estílo moderno
Modern Style
Água telefone elevadores

Grande terraço sístema yankee
Donde se descortina o belo panorama
De Guanabara

capital da república

Temperatura de bolina
O orgulho de ser branco
Na terra morena e conquistada
E a saída para as praias calçadas
Arborizadas
A Avenida se abana com as folhas miúdas
Do Pau-Brasil
Políticos dormem ao calor do Norte
Mulheres se desconjuntam
Bocas lindas
Sujeitos de olheiras brancas
O Pão de Açúcar artificial

CARNAVAL

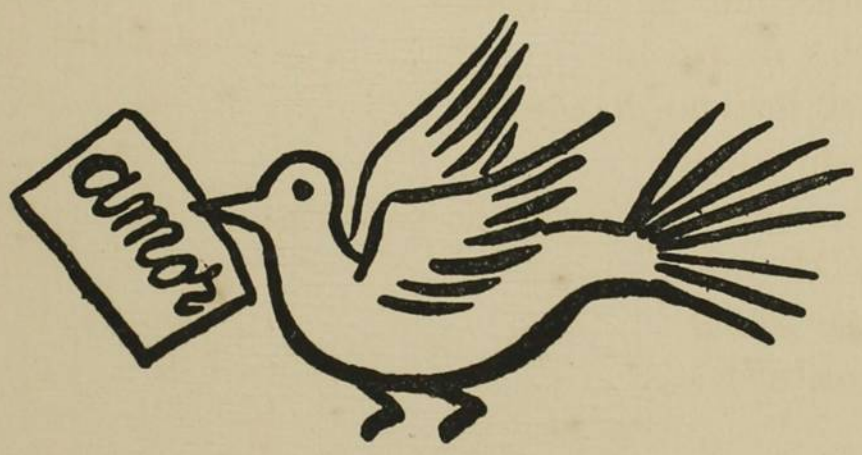
nossa senhora dos cordões

Evohé
Protetora do Carnaval em Botafogo
Mãe da rancho vitorioso
Nas púgnas de Momo
Auxiliadora dos artísticos trabalhos
Do barracão
Patrona do livro de ouro
Proteje nosso querido artista Pedrinho
Como o chamamos na intimidade
Para que o brilhante cortejo
Que vamos sobremeter à apreciação
Do culto povo carioca
E da Imprensa Brasileira
Acérrima defensora da Verdade e da Razão
Seja o mais luxuoso novo e original
E tenha o veredictum unânime
No grande prelio
Que dentro de poucas horas
Se travará entre as hostes aguerridas
Do Riso e da Loucura

na avenida

A banda de claríns
Anuncía com os seus clangorósos sons
A aproximação do impetuoso cortejo
A comissão de frente
Composta
De distintos cavaleiros da bôa sociedade
Rigorosamente trajados
E montando fogosos corcéis
Pede licença de chapéu na mão
20 crianças representando de vespas
Constituem a guarda de honra
Da Porta Estandarte
Que é precedida de 20 damas
Fantasiadas de pavão
Quando 40 homens do côro
Conduzindo palmas
E artisticamente fantasiados de papoulas
Abrem a Alegoría
Do Palacio Floral
Entre luzes elétricas

SECRETÁRIO DOS AMANTES



I

Acabei de jantar um excelente jantar
116 francos
Quarto 120 francos com agua encanada
Chauffage central
Vês que estou bem de finanças
Beijos e coices de amor

II

Bestão querido
Estou sofrendo
Sabia que ia sofrer
Que tristeza este apartamento de hotel

III

Granada é triste sem tí
Apesar do sol de ouro
E das rosas vermelhas

IV

Mi pensamiento hacia Medina del Campo
Ahora Sevilla envuelta en oro pulverizado
Los naranjos salpicados de frutos
Como una dadiva a mis ojos enamorados
Sin embargo que tarde la mia

V

Que alegria teu rádio
Fiquei tão contene
Que fui á missa
Na igreja toda gente me olhava
Ando desperdiçando beleza
Longe de tí

VI

Que distância!
Não choro
Porque meus olhos ficam feios

POSTES DA LIGHT

pobre alimária

O cavalo e a carroça
Estavam atravancados no trilho
E como o motorneiro se impacientasse
Porque levava os advogados para os escritórios
Desatravancaram o veículo
E o animal disparou
Mas o lesto carroceiro
Trepou na boléa
E castigou o fugitivo atrelado
Com um grandioso chicote

anhangabaú

Sentados num banco da América folhuda
O cow-boy e a menina
Mas um sujeito de meias brancas
Passa depressa
No Viaduto de ferro

jardim da luz

Engaiolaram o resto dos macacos
Do Brasil
Os repuxos desfalecem como velhos
Nos lagos
Almofadinhas e soldados
Gerações côr de rosa
Pássaros que ninguém vê nas árvores
Instantaneos e cervejas geladas
Famílias

o féra

Ei-lo sentado num banco de pedra
Pálido e polido
Como a Cleópatra dos sonetos
Espera as pequenas ingênuas
Que passam de braços
De bruços
Já se esqueceu do retrato na Polícia
Tem a conciência tranquila
Dum legislador

fotógrafo ambulante

Fixador de corações
Debaixo de blusas

Álbum de dedicatórias
Maquereau

Tua objetiva pisca-pisca
Namora
Os sorrisos contidos
És a glória

Oferenda de poesia às dúzias
Tripeça dos logradouros públicos
Bicho debaixo da árvore
Canhão silencioso do sol

a procissão

Os chofêrs ficam zangados
Porque precisam estacar diante da pequena procissão
Mas tiram os bonés e rezam
Procissão tão pequenina tão bonitinha
Perdida num bolso da cidade
Bandeirolas
Ópas verdes
Crianças detentoras de primeiros prêmios
De bobice
Vão passo a passo
Bandeirolas
Ópas verdes
Um andôr nos ômbros mulatos

De quatro filhas alvíssimas de Maria
Nossa Senhora vai atráz
Um milagre de equilíbrio
Mas o que mais eu gosto
Nesta procissão
É o Espírito Santo
Dourado
Para inspirar os homens
De minha terra
Bandeirolas
Ópas verdes
O padre satisfeito
De ter parado o trânsito
Com Nosso Senhor nas mãos
E um dobrado atráz

escola berlites

Todos os alunos têm a cara ávida
Mas a professora sufragete
Maltrata as pobres datilógrafas bonitas
E detesta
    The spring
        Der frühling
            La primavera scapigliata
Ha uma porção de livros pra ser comprados
A gente fica meio esperando

As campaínhas avisam
As portas se fecham

É formoso o pavão?
De que côr é o Senhor Seixas?
Senhor Lázaro traga-me tinta
Qual é a primeira letra do alfabeto?
Ah!

atelier

Caipirinha vestida por Poiret
A preguiça paulista reside nos teus olhos
Que não viram Paris nem Piccadilly
Nem as exclamações dos homens
Em Sevilha
Á tua passagem entre brincos

Locomotivas e bichos nacionais
Geometrizam as atemosféras nítidas
Congonhas descora sob o pálio
Das procissões de Minas

A verdura no azul klaxon
Cortada

Arranha-ceus
Fórdes

Viadutos
Um cheiro de café
No silêncio emoldurado

música de manivela

Sente-se diante da vitrola
E esqueça-se das vicissitudes da vida

Na dura labuta de todos os dias
Não deve ninguem que se prese
Descuidar dos prazeres da alma
Díscos a todos os preços

a europa curvou-se ante o brasil

7 a 2
3 a 1
A injustiça de Cette
4 a 0
2 a 1
2 a 0
3 a 1
E meia dúzia na cabeça dos portuguêses

linha no escuro

É fita de risada
A criançada hurla como o vento
Mas os cotovelos se encontram
Se acotovelam e se apalpam

Mãos descem na calada da lua quadrângula
Enquanto a orquestra cavalos e letreiros galopam

Entre sáias uma lixa humana se arredonda
Mas quando amanhece
A mulher qualquer
Desaparece

pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabído

Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

bibliotéca nacional

A Criança Abandonada
O doutor Coppelius
Vamos com Êle
Senhorita Primavera
Código Civil Brasileiro
A arte de ganhar no bicho
O Orador Popular
O Polo em Chamas

o combate

O altofalante parece um palhaço
Mexem toalhas
No ríngue verde e amarelo
Benedito ataca e coloca
Dirétos direitos
A rádio bandeirantes cinematiza cem léguas
Vamos gritar
Levou ás cordas o branco
Espatifemos as palhetas no ar
Mais um
Que bicho
Desfaleceu
Sob o céu que é uma bandeira azul

Grandes cágados elétricos processionam
A noite cáe
Como um swing

aperitivo

A felicidade anda a pé
Na Praça Antonio Prado
São 10 horas azues
O café vai alto como a manhã de arranha-céus
Cigarros Tietê
Antomóveis
A cidade sem mítos

ideal bandeirante

Tome este automóvel
E vá ver o Jardim New-Garden
Depois volte á Rua da Bôa Vista
Compre o seu lote
Registe a escritura
Boa firme e valiosa
E more nesse bairro romântico
Equivalente ao célebre
Bois de Boulogne
Prestações mensaes
Sem juros

o ginásio

Escutae o tenor boxeur Romão Gonçalves
Desafiador sem medo de Spalla e Benedito
Trenador de Jack Johnson e do bravo Carpentier
Conforme a fotografia
Vinde todos á Rua Padre João Manuel
Na Penha
Trenar ao ar livre
As senhoritas encontrarão
A Exma Sra Carlota Argentina boxísta
E os marmanjos verão Romão
Detentôr do recorde do mundo
De cantar e nadar vestido ao mesmo tempo
Acompanhado por uma banda de música
Como se pode ver no cinema
E diante dos Reis da Bélgica

digestão

A couve mineira tem gosto de bife inglês
Depois do café e da pinga
O gôso de acender a palha
Enrolando o fumo
De Barbacena ou de Goiás
Cigarro cavado
Conversa sentada

reclame

Fala a graciosa atríz
Margarida Perna Grossa
Linda, côr — que admiravel loção
Considero lindacôr o complemento
Da toalete feminina da mulher
Pelo seu perfume agradavel
E como tônico do cabelo garçone
Se entendam todas com Seu Fagundes
Único depositório

bengaló

Bicos elásticos sob o jérsei
Um maxíxe escorrega dos dedos morenos
De Gilberta
Janela
Sotas e azes desertaram o céu das estrelas de rodagem
O piano fox-trota
Domingaliza
Um galo canta no território do terreiro
A campaínha telefôna
Cretones
O cinema dos negócios
Planos de comprar um fórde
O piano fox-trota
Janela
Bondes

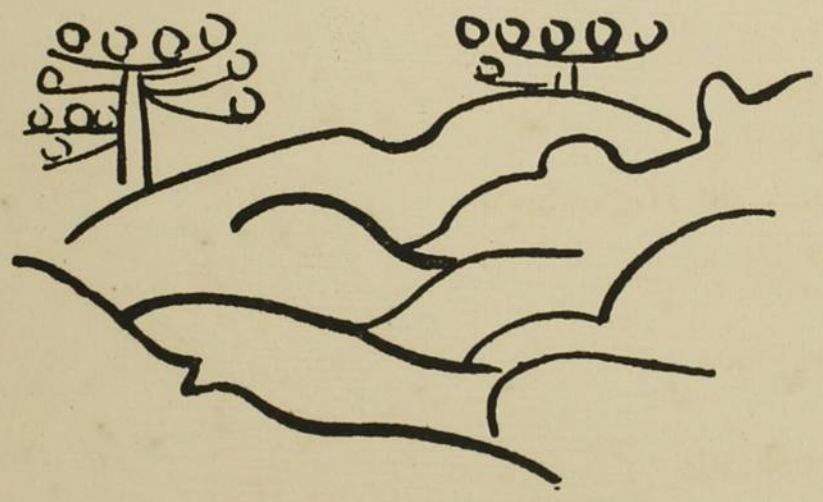
passionária

Meu amigo
Foi-me impossivel vir hoje
Porque Armando veio comigo
Como se foras tú
Necessito muito de algum dinheiro
Arranja-mo
Deixo-te um beijo na porta
Da garçoniere
E sou a sinceridade

hípica

Saltos records
Cavalos da Penha
Correm jóqueis de Higienópolis
Os magnatas
As meninas
E a orquéstra toca
Chá
Na sala de cocktails

ROTEIRO DAS MINAS



convite

São João del Rey
A fachada do Carmo
A igreja branca de São Francisco
Os morros
O córrego do Lenheiro

Ide a São João del Rey
De trem
Como os paulistas foram
A pé de ferro

imutabilidade

Moça bonita em penca
Sete-Lagôas
Sabará
Caetés
O córrego que ainda tem ouro
Entre a estação e a cidade

E o mequetrefe
Vae tocar viola nas vendas
Porque a batéia está alí mesmo

traituba

O sobrado parecia uma igreja
Curráes
E uma e outra árvore
Para amarrar os bois
O pomar de toda fruta
E a passarinhada
Joá na roça de milho
Carros de fumo puxados por 12 bois
Codorna tucano perdiz araponga
Jacú nhambú jurití

semana santa

A matraca alegre
Debaixo do céu de comemoração
Diz que a Tragedia passou longe
O Brasil é onde o sangue corre
E o ouro se encaixa
No coração da muralha negra
Recortada
Laminada
Verde

procissão do enterro

A Verônica estende os braços
E canta
O pálio parou
Todos escutam
A vóz na noite
Cheias de ladeiras acêsas

simbologia

Abrahão tem bigodes pretos
E sabia que Deus colocava o Anjo atráz dêle
Isaac é inocente pequeno e núzinho

Os homens que carregam o caixão
Estão todos de branco
E descalços
O soldado romano
É zangadíssimo
E tem cabelo na cara

O padre saíu para a rua
De dentro de um quadro antigo

são josé del rei

Bananeiras
O sol

O cansaço da ilusão
Igrejas
O ouro na serra de pedra
A decadência

sábado de aleluia

Serpentes de fogo procuram morder o céu
E estouram
A praça pública está cheia
E a execução espera o arcebispo
Saír da história colonial

Longe vai tempo soltaram a lua
Como um balão de dentro da serra

Judas balança caído numa árvore
Do céu doirado e altíssimo

Jardins
Palmeiras
Negros

bumba meu boi

Descolocado
Arrebentado

Vai saí
A companhía do arraiá
Da Boa Sorte
Sob o estandarte
A tourada dança
Na música noturna

ressurreição

Um atropelo de sinos processionais
No silêncio
Lá fóra tudo volta
Á espetaculosa tranquilidade de Minas

menina e moça

Gostei de todas as festas
Porque esse negocio de missa
E procissão
E só para os olhares
Vou agora triste no trem
Com aquela paixão
No coração
Vou emagrecer
Junto ás palmeiras
Malditas
Da fazenda

casa de tiradentes

A Inconfidência
No Brasil do ouro
A história morta
Sem sentido
Vasía como a casa imensa
Maravilhas coloniais nos tétos
A igreja abandonada
E o sol sobre muros de laranja
Na paz do capim

chagas doria

Picássos na parede branca
E mais nada
Sob o této de caixões
Mas na sacristía
Uma imagem barbuda
Arregalada de santidade
Me espera como uma criança de cólo

mapa

Ibitiruna
Campos sertanejos
Carmo da Mata

Tartária
E a máquina de brincadeira
Que corre dois dias
Atráz da barra do Paraopéba

capela nova

Salão Mocidade
Hotel do Chico
Uma igreja velha e côr de rosa
Na decoração dos bananaes
Dos coqueiraes

documental

É o Oeste no sentido cinematográfico
Um passaro caçoa do trem
Maior do que êle
A estação próxima chama-se Bom Sucesso
Floresta colinas cortes
E súbito a fazenda nos coqueiros
Um grupo de meninas entra no film

paisagem

Na atemosféra violeta
A madrugada desbóta

Uma pirâmide quebra o horizonte
Torres espirram do chão ainda escuro
Pontes trazem nos pulsos rios bramindo
Entre fogos
Tudo novo se desencapotando

longo da linha

Coqueiros
Aos dois
Aos três
Aos grupos
Altos
Baixos

santa quitéria

Palmas imensas
Sobem dos caules ocultos
Cercas e cavalos
E a raça que se apruma

aproximação da capital

Trazem-nos poemas no trem
Azues e vermelhos
Como a terra e o horizonte

É um hotel rigorosamente familiar
Que oferece vantagens reaes
Aos dignos forasteiros
Havendo o máximo escrupulo na direção da cozinha

Casas defendem o vosso próprio interêsse
Proporcionando-vos uma economia
De 2$000, de 3$000

Impermeaveis
Borzeguins
Pijamas

barreiro

Estradas de rodagem
E o canto dos meninos azues da Gameleira
A paisagem nos abraça
Pontes
Alvenaria
Ninhos
Passarinhos
A escola e a fazenda de duzentos anos

canção do vira

Coa comade pode
Pode

Quá o quê
Afinca
Afinca

lagoa santa

Águas azues no milagre dos matos
Um cemitério negro
Ruas de casas despencando a pique
No céu refletido

viveiro

Bananeiras monumentais
Mas no primeiro plano
O cachorro é maior que a menina
Côr de ouro fôsco
As casas do vale
São habitadas pela passarada matinal
Que grita de longe
Junto à Capela
Há um pintor
Marcolino de Santa Luzia

sabará

Este córrego há trezentos anos
Que atrái os faiscadores

Debaixo das serras
No fundo da batéia lavada
O sol brilha como ouro
Outrora havia negros a cada metro de margem
Para virar o rio metálico
Que ia no dorso dos burros
E das caravelas
Borba Gato
Os paulistas traídos
Sacrilegios
O vento

ouro preto

Vamos visitar São Francisco de Assis
Igreja feita pela gente de Minas
O sacristão que é vizinho da Maria Cana-Verde
Abre e mostra o abandono
Os púlpitos do Aleijadinho
O této do Ataíde
Mas a dramatização finalizou
Ladeiras do passado
Esquartejamentos e conjurações
Sob o Itacolomí
Nos poços mecânicos policiados
Da Passagem
E em alguns maus alexandrinos

Só o Morro da Queimada
Fala do Conde de Assumar

congonhas do campo

Há um hotel novo que se chama York
E lá em cima na palma da mão da montanha
A igreja no círculo arquitetônico dos Passos
Painéis quadros imagens
A religiosidade no sossêgo do sol
Tudo puro como o Aleijadinho

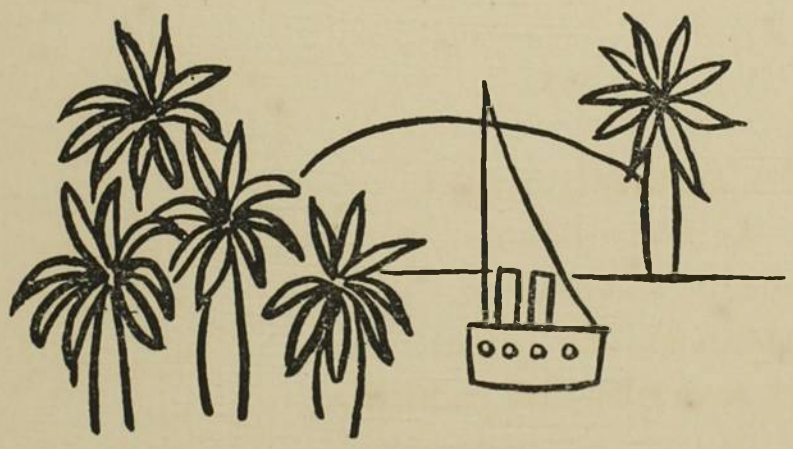
Um carro de boi canta como um órgão

ocaso

No anfiteátro de montanhas
Os profétas do Aleijadinho
Monumentalizam a paisagem
As cúpulas brancas dos Passos
E os cocares revirados das palmeiras
São degráus da arte de meu país
Onde ninguem mais subiu

Bíblia de pedra sabão
Banhada no ouro das minas

LOYDE BRASILEIRO



canto do regresso à patria

Minha terra tem palmares
Onde gorgeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas
E quasi que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo

tarde de partida

Casas embandeiradas
De janelas
De Lisbôa
Terremoto azul
Fixado
Nos nevoeiros históricos
O teu velho verde
Crepita de verdura
E de faróes
Para o adeus da pátria quinhentista
E o acaso dos Brasís

cielo e mare

O mar
Canta como um canário
Um compatriota de bôa família
Empanturra-se de uísque
No bar
Famílias tristes
Alguns gigolôs sem efeito
Eu jogo
Ela joga
O navio joga

o cruzeiro

Primeiro faról de minha terra
Tão alto que parece construído no céu
Cruz imperfeita
Que marcas o calor das florestas
E os discursos de 22 câmaras de deputados
Silêncio sôbre o mar do Equador
Perto de Alfa e de Béta
Perdão dos analfabétos que contam casos
Acaso

rochedos são paulo

Everest da Atlântida
Vanguarda calcinada do Brasil
Ponto geocêntrico eriçado
Contra as escarpas das ondas
Do Amazonas
Poleiro de Gago Coutinho

fernando de noronha

De longe pareces uma catedral
Gravando a latitude
Terra habitada no mar
Pela minha gente

Entre contrafortes e penedos vulcânicos
Uma ladeira coberta de mato
Indica a colonia lado a lado
Um muro branco de cemiterio
A igreja
Quatro antenas
Levantadas entre a Europa e a America
Um faról e um cruzeiro

recife

Desenvoltura
Atração sinuósa
Da terra pernambucana
Tudo se enlaça
E absorve em tí
Retilínea
Cana de açucar
Dobrada
Para deixar mais alta
Olinda
Plantada
Sobre uma onda linda
Do mar pernambucano

Mas os guindastes
São canhões que ficaram
Em memória

Da defesa da Pátria
Contra os holandêses

Chaminés
Palmares do cáis
Perpendiculares aos hangars
E às brôas negras d'óleo
Baluartes do progresso
Para render
Os velhos fortes
Carcomidos
Pelos institutos históricos

Na paisagem guerreira
Os coqueiros se empenacham
Como guerreiros em festa

Ruas imperiais
Palmeiras imperiais
Pontes imperiais
As tuas moradias
Vestidas de azul e de amarelo
Não contradizem
Os prazeres civilizados
Da Rua Nova
Nos teus paralelepipedos
Os melhores do mundo
Os automóveis
Do Novo Mundo

Cortam as pontes ancestrais
Do Capiberibe

Desenvoltura
Concreto sinuoso
Que liga o arranha-céu
À bençam das tuas igrejas
Velhas
De abençoar
A gente corajosa
De Pernambuco

escala

Sob um solzinho progressísta
Há gente parada no cáis
Vendo um guindaste
Dar tiro no céu

versos bahianos

Tua orla Bahia
No beneficio destas águas profundas
E o mato encrespado do Brasil

Uma jangada leva os teus homens morenos
De chapéu de palha

Pelos campos de batalha
Da Renascença

Este mesmo mar azul
Feito para as descidas
Dos hidroplanos de meu século
Frequentado rendez-vous
De Holandêses de Condes e de Padres
Que Amaralina atualiza
Poste das saudades transatlânticas
Riscando o ocre fotográfico
Entre Itapoan e o faról tropical

A bandeira nacional agita-se sobre o Brasil
A cidade alteia cúpulas
Torres coqueiros
Árvores transbordando em mangas rosas
Até os navios ancorados

Forte de São Marcelo
Panela de pedra da história colonial
Cozinhando palmas

E as tuas ruas entreposto do Mundo
E os teus sertanejos asfaltados
E o teu ano de igrejas diferentes
Com um grande dia santo
Catedral da Bahia
Genuflexorio dos primeiros potentados

Confessionários dos inquisidores
Catedral
És o fim do roteiro de Roberio Dias
Romance de Alencar
Encadernado em ouro
Por dentro
Mais grandiosa que São Pedro
Catedral do Novo Mundo

Passa uma yole
Com remadores brancos
No ocaso indigesto
De Itaparica

noite no rio

O Pão de Açucar
É Nossa Senhora da Aparecida
Coroada de luzes
Uma mulata passa nas Avenidas
Como uma rainha de palco
Talco
Fácil
Árvores sem emprego
Dormem de pé
Há um milhão de maxixes
Na preguiça
Que vem do fundo da colonia

Do mar
Da beleza de Dona Guanabára
Paixões de feerie
O Minas Gerais pisca para o Cruzeiro

anúncio de são paulo

Antes da chegada
Afixam nos ofices de bordo
Um convite impresso em inglês
Onde se contam maravilhas de minha cidade
Sometimes called the Chicago of South America

Situada num planalto
2.700 pés acima do mar
E distando 79 kilometros do porto de Santos
Ela é uma glória da América contemporânea
A sua sanidade é perfeita
O clíma brando
E se tornou notavel
Pela beleza fóra do comum
Da sua construção e da sua flora

A Secretaría da Agricultura fornece dados
Para os negócios que aí se queiram realisar

contrabando

Os alfandegueiros de Santos
Examinaram minhas malas
Minhas roupas
Mas se esqueceram de ver
Que eu trazia no coração
Uma saudade feliz
De París

LAUS DEO

Página de rosto da edição original

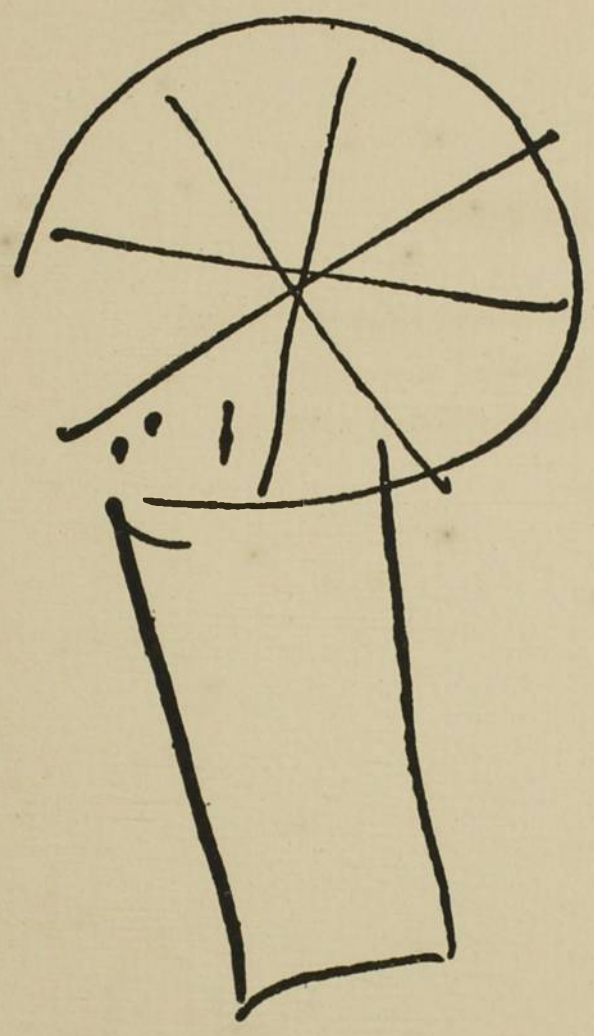
ESCOLA : Pau Brasil

CLASSE : primaria

SEXO : masculino

PROFESSORA: A Poesia

Viva o anno de 1927

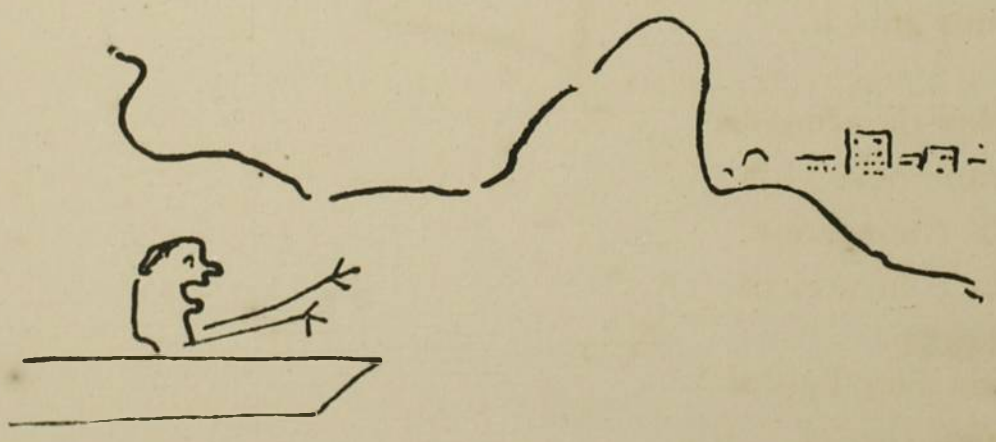


amor

Humor

anacronismo

O português ficou comovido de achar
Um mundo inesperado nas águas
E disse: Estados Unidos do Brasil



brinquedo

Roda roda São Paulo
Mando tiro tiro lá

Da minha janela eu avistava
Uma cidade pequena
Pouca gente passava
Nas ruas. Era uma pena

Desceram das montanhas
Carochinhas e pastoras
Por dormir em meus olhos
Me levaram pra abrolhos

Os bondes da Light bateram
Telefones na ciranda
Os automoveis correram
Em redor da varanda

Roda roda São Paulo
Mando tiro tiro lá

Brinquedos de comadre
Começaram pela vida
Pela vida começaram
Comadres e mexerícos

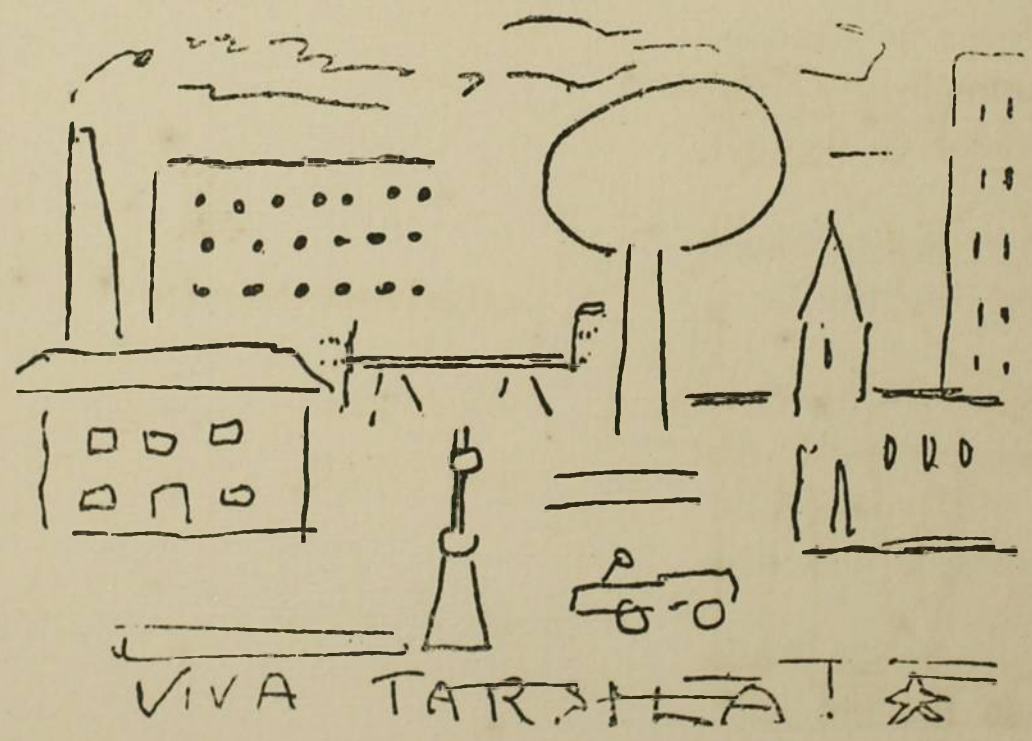
Roda roda São Paulo
Mando tiro tiro lá

Depois entrou no brinquedo
Um menino grandão
Foi o primeiro arranha-céo
Que rodou no meu céo

Do quintal eu avistei
Casas torres e pontes
Rodaram como gigantes
Até que emfim parei

Roda roda São Paulo
Mando tiro tiro lá

Hoje a roda cresceu
Até que bateu no céo
É gente grande que roda
Mando tiro tiro lá



as quatro gares

infância

O camisolão

O jarro

O passarinho

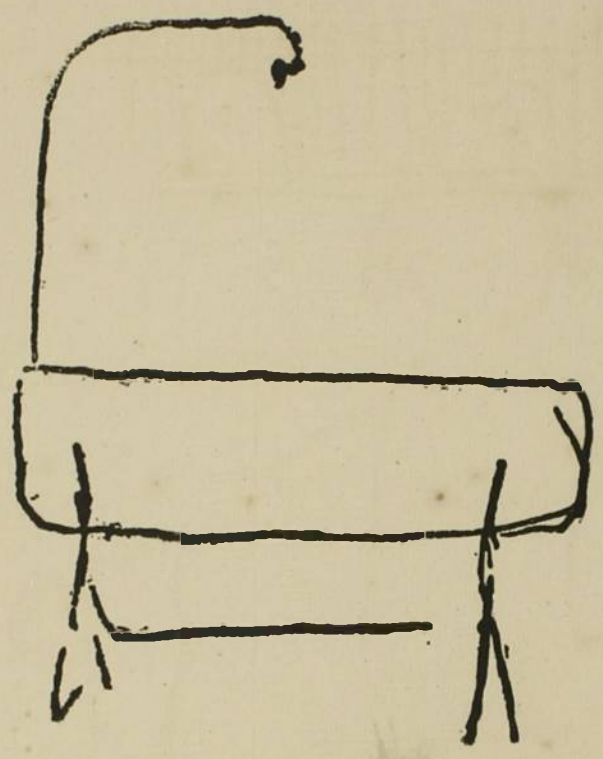
O oceano

A visita na casa que a gente sentava no sofá

adolescência

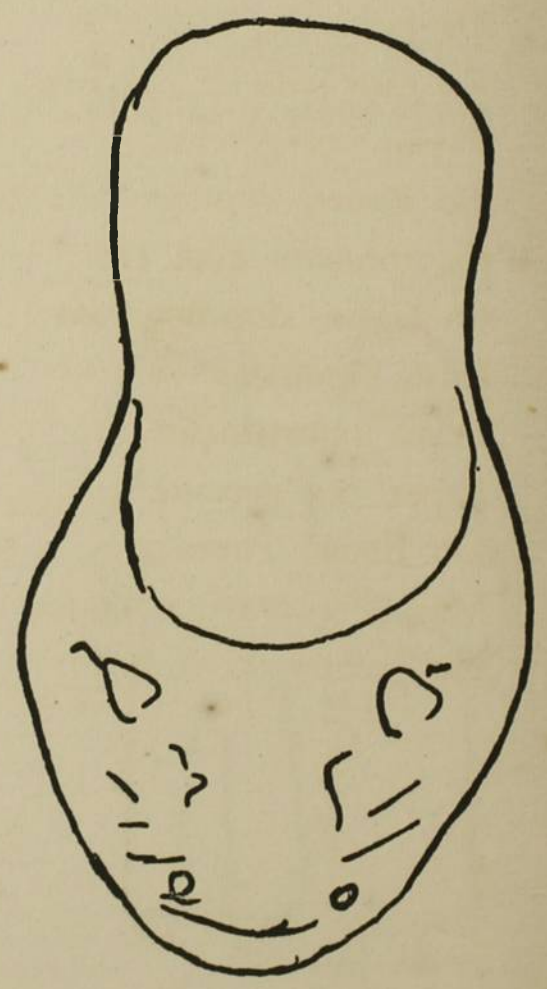
Aquele amor

Nem me fale



maturidade

O Sr. e a Sra. Amadeu
Participam a V. Excia.
O feliz nascimento
De sua filha
Gilberta



velhice

O netinho jogou os óculos
Na latrina

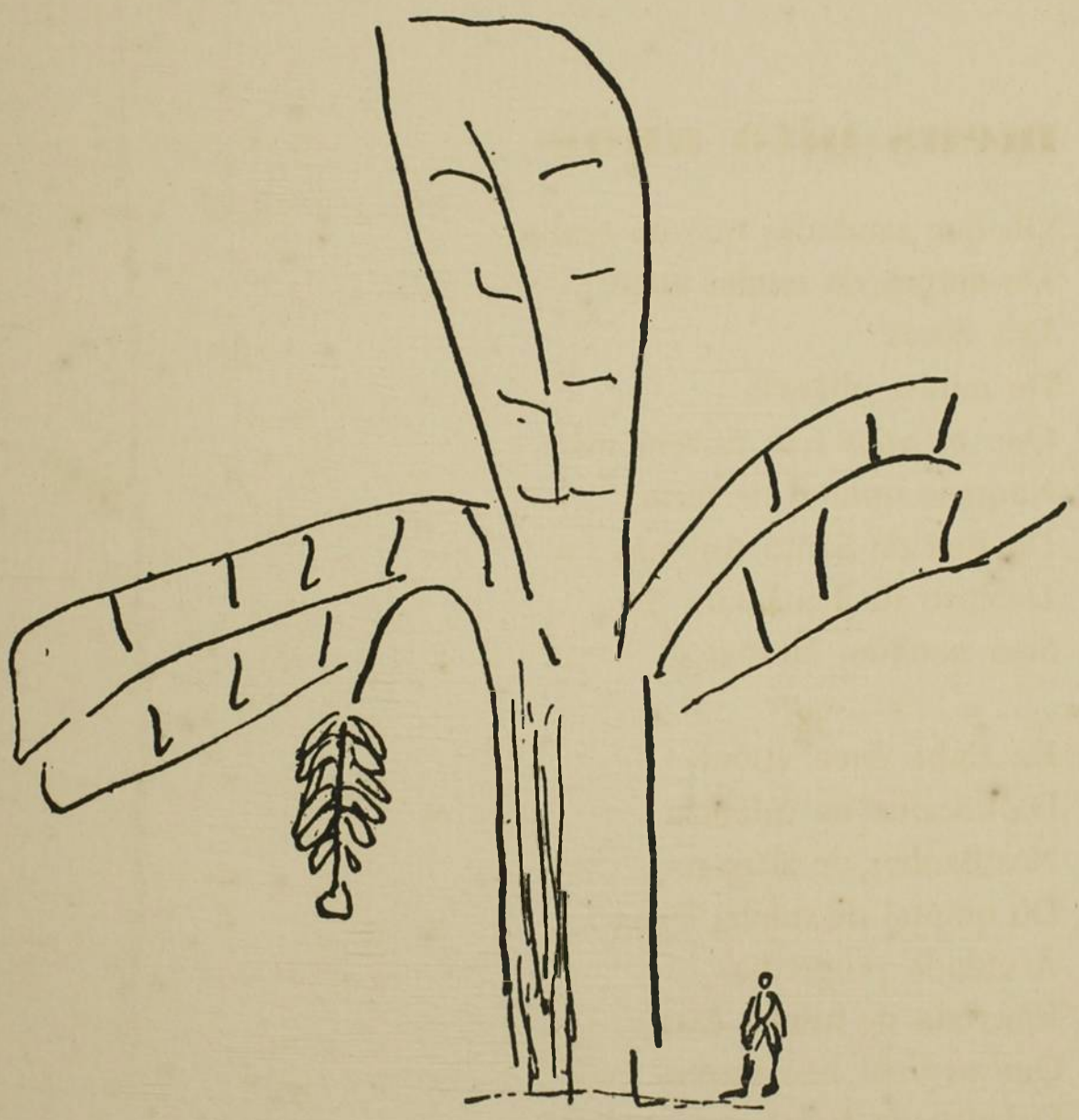
meus sete anos

Papae vinha de tarde
Da faina de labutar
Eu esperava na calçada
Papae era gerente
Do Banco Popular
Eu aprendia com ele
Os nomes dos negocios
Juros hipotécas
Praso amortização
Papae era gerente
Do Banco Popular
Mas descontava chéques
No guichê do coração

meus oito anos

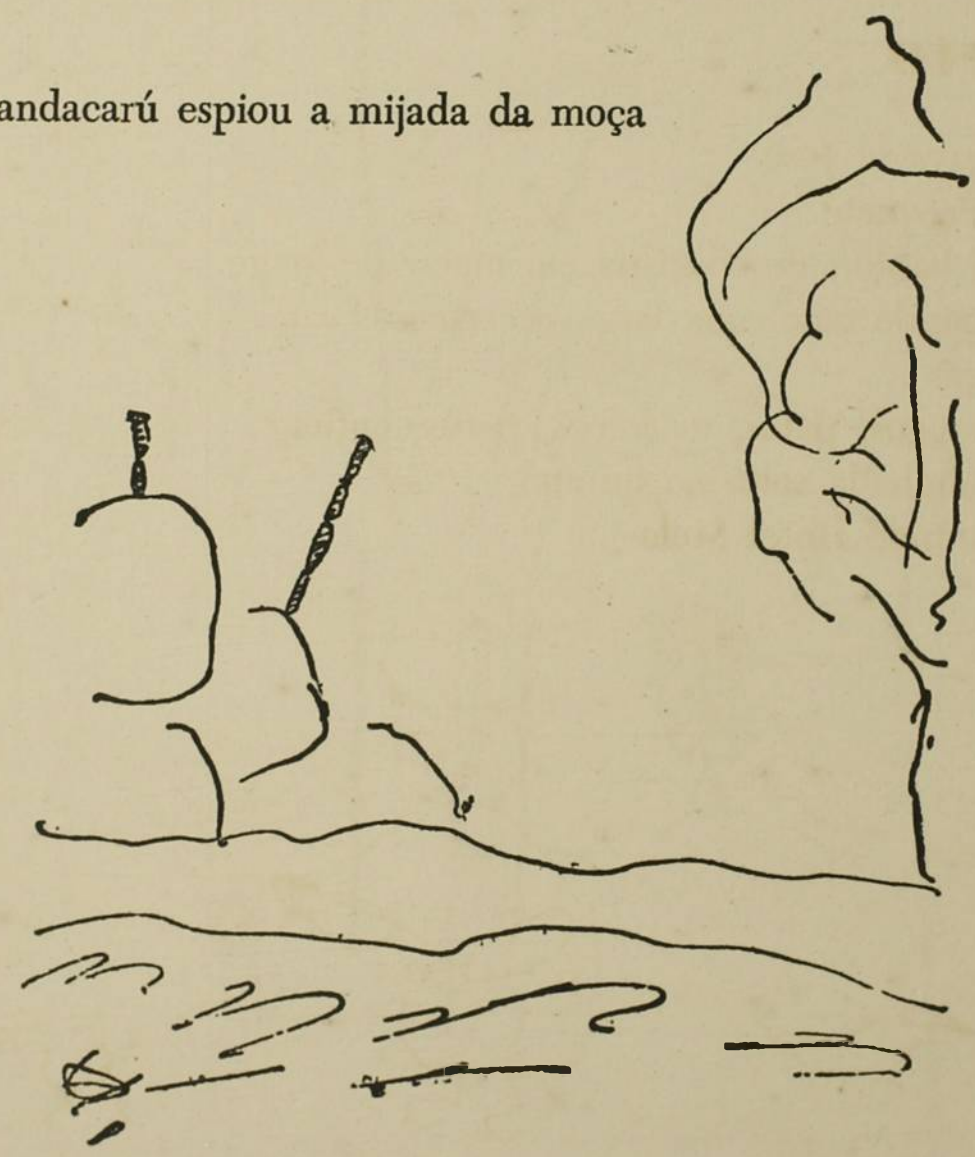
Oh que saudades que eu tenho
Da aurora de minha vida
Das horas
De minha infância
Que os anos não trazem mais
Naquele quintal de terra
Da Rua de Santo Antonio
Debaixo da bananeira
Sem nenhum laranjaes

Eu tinha doce visões
Da cocaína da infância
Nos banhos de astro-rei
Do quintal de minha ância
A cidade progredía
Em roda de minha casa
Que os anos não trazem mais
Debaixo da bananeira
Sem nenhum laranjaes



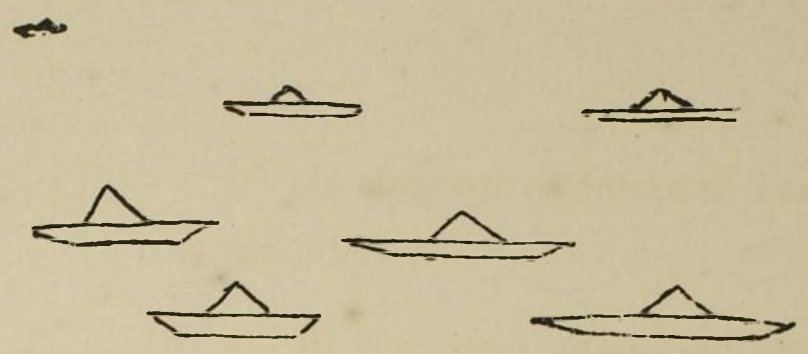
fazenda

O mandacarú espiou a mijada da moça



enjambemet do cosinheiro preto

Chamava-se José
José Prequeté
A sua habilidade consistía em matar de longe
Decepando com uma larga e certeira faca
Cabeças
De frangos, patos, marrécos, perús, enfim
Da galinhada solta no quintal
Do Grande Hotel Melo



historia patria

Lá vae uma barquinha carregada de
Aventureiros

Lá vae uma barquinha carregada de
Bacharéis

Lá vae uma barquinha carregada de
Cruzes de Cristo

Lá vae uma barquinha carregada de
Espanhóes

Lá vae uma barquinha carregada de
Donatários

Paga prenda
Prenda os espanhóes!

Lá vae uma barquinha carregada de
Flibusteiros

Lá vae uma barquinha carregada de
Governadores

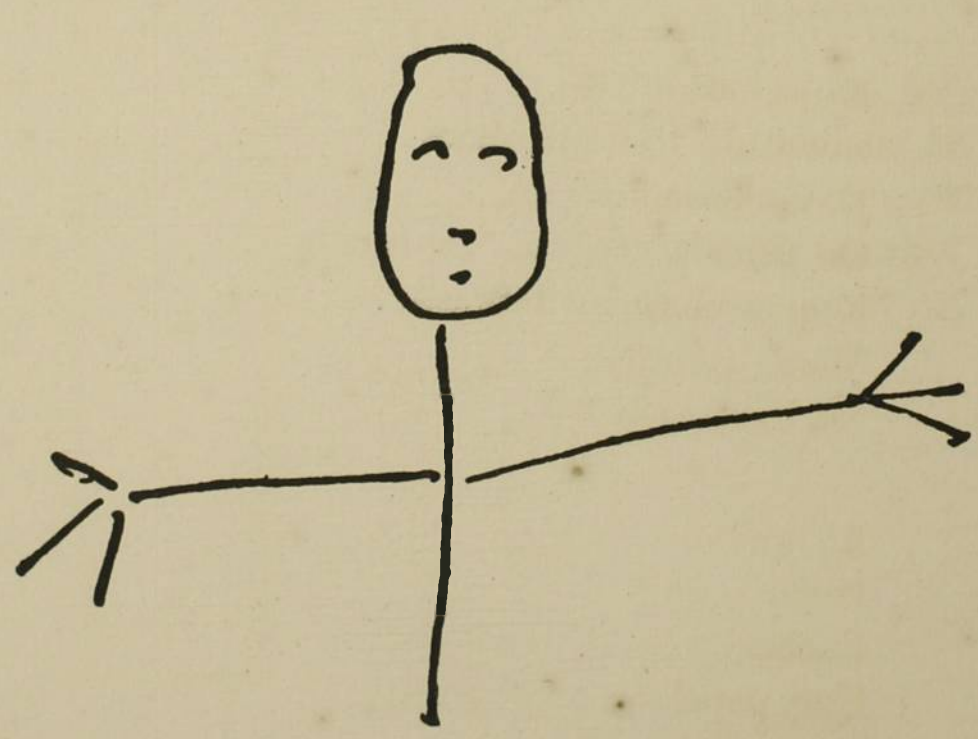
Lá vae uma barquinha carregada de
Holandezes

Lá vem uma barquinha cheínha de índios
Outra de degradados
Outra de pau de tinta

Até que o mar inteiro
Se coalhou de transatlânticos
E as barquinhas ficaram
Jogando prenda coa raça misturada
No litoral azul de meu Brasíl

o filho da comadre esperança

Era o desherdado
Tinha uma historia de envenenamento
No passado
Magro pálido trabalhador
Mas agora á força de lutar
Conseguíu uma posição na Bolsa de Mercadorias
E comprou um chapéu novo

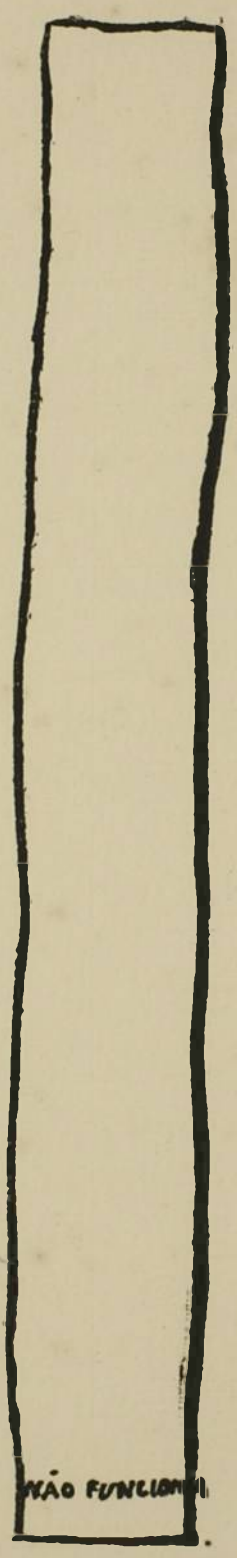


balada do esplanada

Ôntem á noite
Eu procurei
Ver se aprendía
Como é que se fazia
Uma balada
Antes d'ir
Pro meu hotel

É que este
Coração
Já se cansou
De viver só
E quer então
Morar comtigo
No Esplanada

Eu qu'ria
Poder
Encher
Este papel



De versos lindos
É tão distinto
Ser menestrel

No futuro
As gerações
Que passariam
Diriam
É o hotel
Do menestrel

Pra m'inspirar
Abro a janela
Como um jornal
Vou fazer
A balada
Do Esplanada
E ficar sendo
O menestrel
De meu hotel

Mas no há poesía
Num hotel
Mesmo sendo
'Splanada
Ou Grand-Hotel

Ha poesía
Na dôr

Na flôr
No beija-flôr
No elevador

Oferta

Quem sabe
Se algum dia
Traría
O elevador
Até aquí
O teu amor

hino nacional do paty do alferes

Eu quero fazer um poêma
Rachado e sentimental
Como as bandas de música
De meu país natal

Eu quero fazer um poêma
De todo o amor que sinto
Pelas palmas e bandeiras
Do meu país musical

Eu quero fazer um poêma
De flores de papel
Laranja azul encarnado
Branco e verdeamarél

Ah! Meu Brasíl! Meu Brasíl!
Eu já morei foragido
Numa casa rota
Que dava para o mar
Já morei no Normandy de Deauville

E num navio de guerra
E nas ruas e nos portos
Das terras mais imaginárias

Mas quando tu reapareces
Sob o hemisfério estrelado
Esperando a presidência do Dr. Washington Luis
Ó Brasíl
Meu coração feito de pedaços
Se unifica
E proclama
A independência das lagrimas

Fico eleitor
Cidadão vacinado
Sólto foguetes
Faço dobrados

Foi assim que eu vim parar
Nas paragens do Paty do Alferes
E conhecí a charanga do Arcozelo
Toda cáqui e preta

Vocês não ouviram
A charanga da fazenda do Arcozelo

É generosa e metálica
A casa é cercada de velhas senzalas
Transfiguradas pela picareta do Progresso
A mão dura de Geraldo
Transformou a terra desabandonada
Numa pátria organizada de gado
E valorisou até as estrelas
Que dividem o céo em sindicatos
Para ouvir os ensaios
Da banda do Arcozelo

Arquitétos de minha terra
Vinde aprender arquitetura
No Paty do Alferes
Donas de casa
Que servís tolamente á franceza
Vinde provar
A mesa saborosa
Do Arcozelo
Bebedores
Vinde gozar a pinga do Paraízo

Como a gente levanta cedo nas fazendas
Antes das primeiras pinceladas
Da pintora Aurora
Vamos dormir
Para sair amanhã
Todos vestidos de cow-boy
E dobrar as quebradas da serra
E deixar o sangue dos passaros
E das cobras
Nos caminhos

Meu quarto tem três portas
Que dão para outros quartos
Onde ficam as portas
Dos quartos das assombrações

As estrelas são
A estrela d'alva
A estrela do Pastor

Vesper
E o Anjo da Guarda de cada um

As assombrações são
A Inspiração e a Saudade
E os falecidos das nossas relações

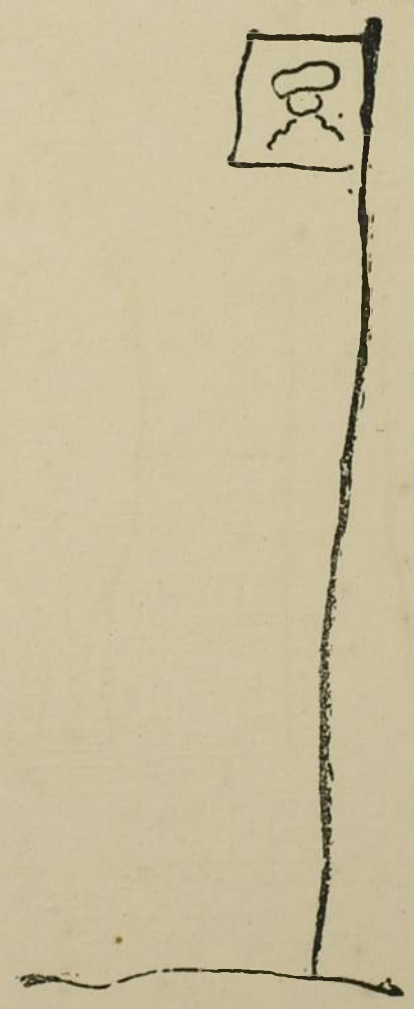
Para ver tantas maravilhas
O Cruzeiro do Sul
Espetou a cabeça num morro
E móra aquí
Blefando a rotação universal

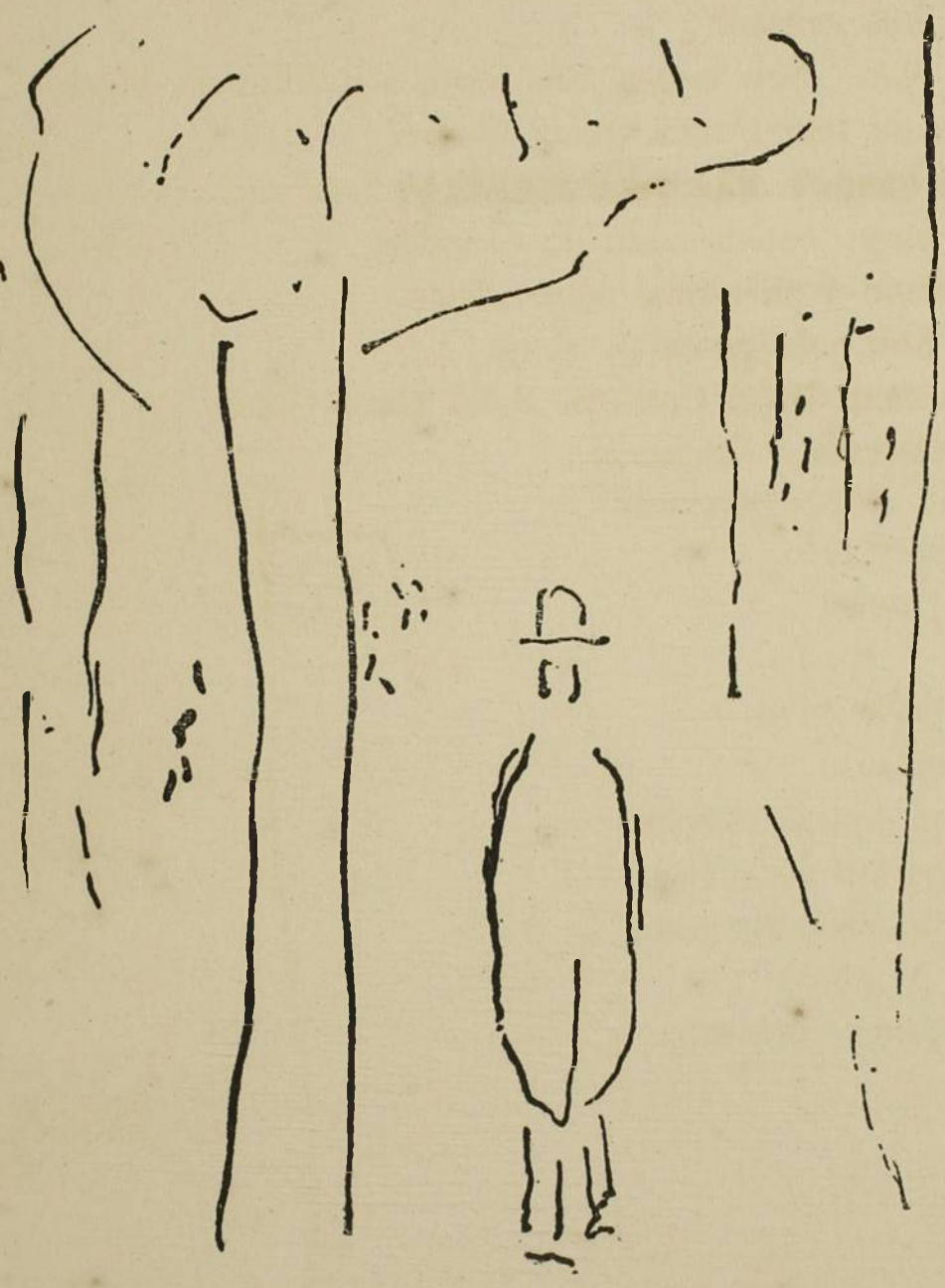
E tudo isso
É na fazenda do Arcozelo
Bois arados e rosas
Cavalos e motociclétas

Tudo existindo
E tocando a marcha do Progresso
Que aprenderam com a banda
Da fazenda do Arcozelo

brasil

O Zé Pereira chegou de caravela
E preguntou pro guaraní da mata-vírgem
— Sois cristão?
— Não. Sou bravo, sou forte, sou filho da Morte
Teterê tetê Quizá Quizá Quecê!
Lá longe a onça resmungava Uu! ua! uu!
O negro zonzo saído da fornalha
Tomou a palavra e respondeu
— Sim pela graça de Deus
Canhem Babá Canhem Babá Cum Cum!
E fizeram o Carnaval





poêma de fraque

No termómetro azul
Da cidade comovida
Faze as pazes
Com a vida
Saúda respeitosamente
As familias
Das janelas

Um balão vivo
Se destaca
Das primeiras estrelas
Lamparina ás avessas
Do santuário da terra
Faze as pazes
As crianças brincam

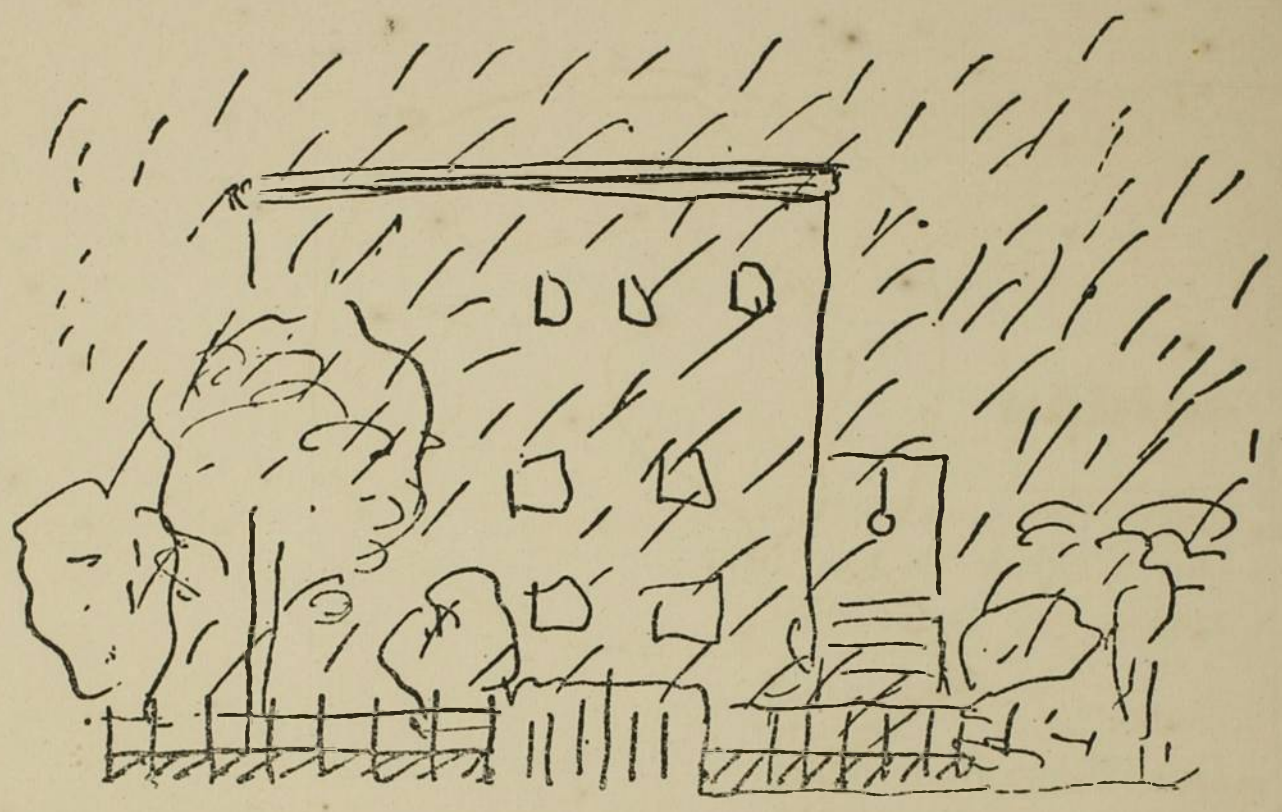
soidão

Chove chuva choverando
Que a cidade de meu bem
Está-se toda se lavando

Senhor
Que eu não fique nunca
Como esse velho inglês
Aí do lado
Que dorme numa cadeira
Á espera de visitas que não vêm

Chove chuva choverando
Que o jardim de meu bem
Está-se todo se enfeitando

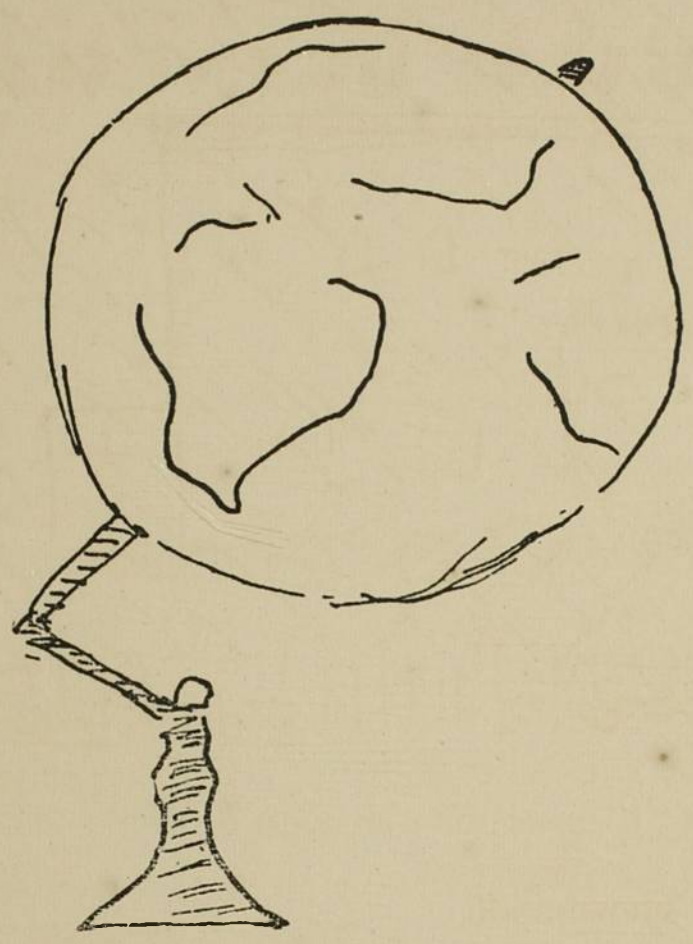
A chuva cáe
A magnólia abre o parachuva
Parasol da cidade
De Mario de Andrade
A chuva cáe
Escorre das goteiras do domingo



Chove chuva choverando
Que a casa de meu bem
Está-se tôda se molhando

Anoitece sobre os jardins
Jardim da Luz
Jardim da Praça da República
Jardins das platibandas

Noite
Noite de hotel
Chove chuva choverando

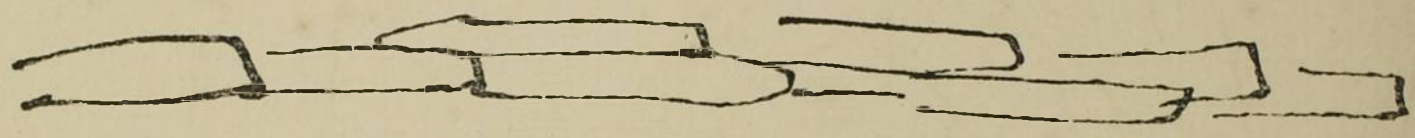


crônica

Era uma vês
O mundo

BALAS DE ESTALO

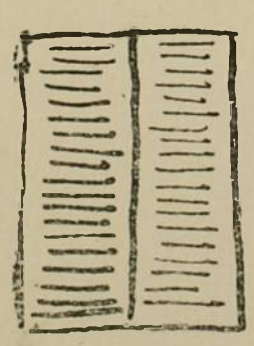
barricada

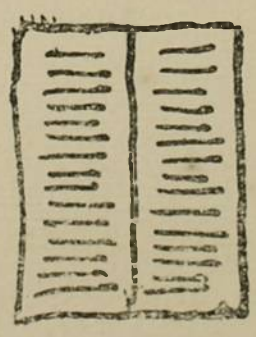


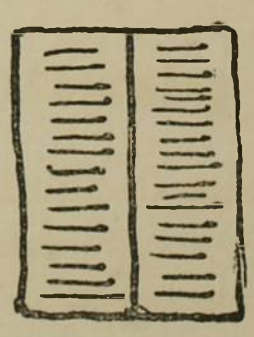
Todos os passarinhos da Praça da Republica
Voaram
Todas as estudantes
Morreram de susto
Nos uniformes de azul e branco
As telefonistas tiveram uma síncope de fios
Só as arvores não desertam
Quando a noite luz

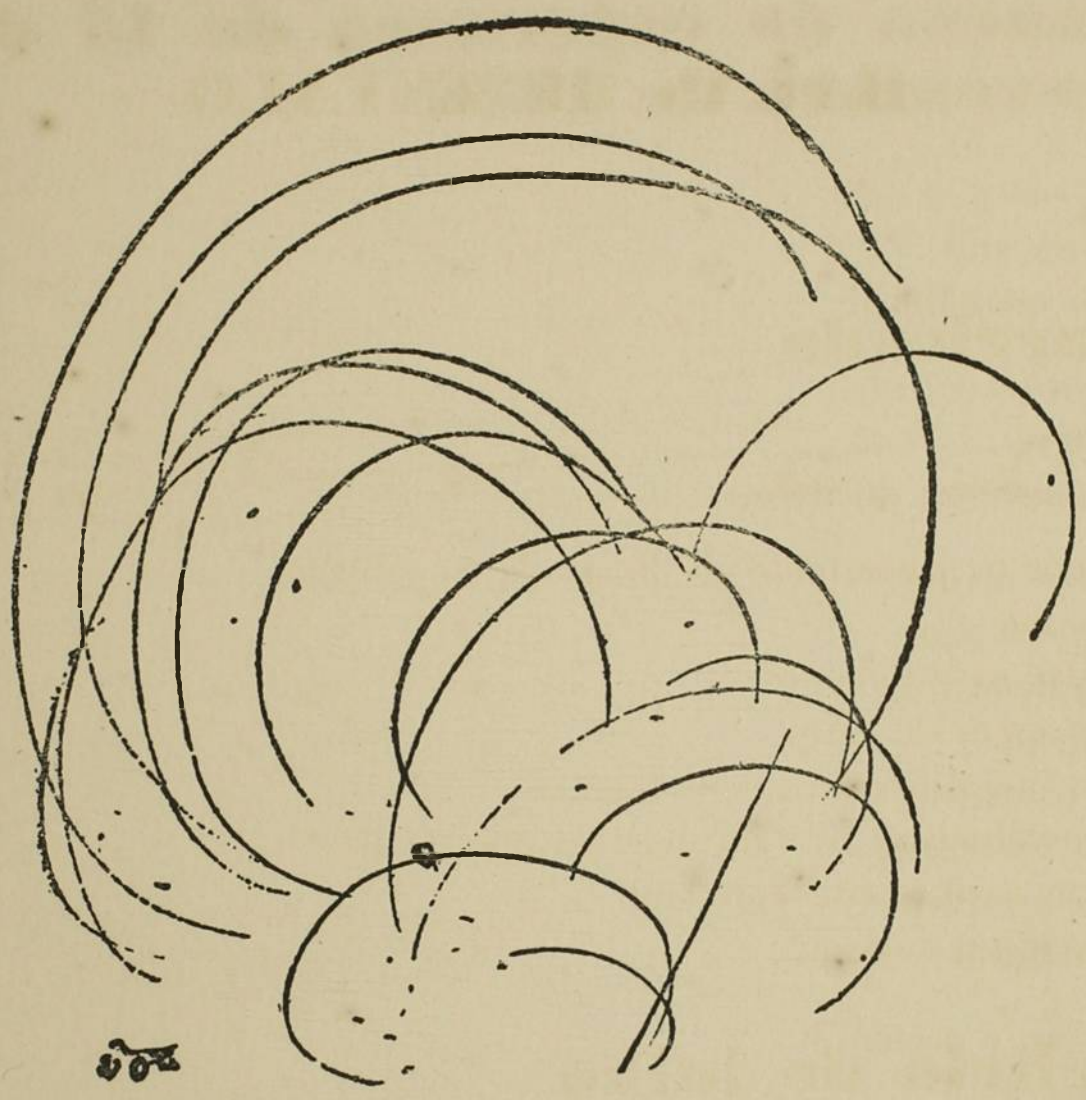
delirio de julho

E' uma festa da Penha
Ha patriotas no Braz e no Brasil









o pirata

Numa Cadilac azul
Ele chispou entre duas metralhadoras
E um negrão de chapelão no guidão

canção da esperança de 15 de novembro de 1926

O céo e o mar
Atira anil
No meu Brasíl

Sôbre a cidade
Flutúa
A bandeira do Porvir

Cada árvore
De estanho
Plantada
Espera
A passagem
Da carruagem
Do presidente
Do Brasíl

O céo e o mar
Atíra aníl
No meu Brasíl

Sobre a cidade
Flutúa
A bandeira do Porvir

E o povo
Ancioso
Airoso

Sacode no ar
A palheta
Da Esperança
Vendo o dia
Tropical
Que vae passar
Na carruagem
Dos destinos
Do Brasíl

Á saída da Câmara
Pela boca ardente
De um estudante
Jorra a esperança
Do grandioso
E desordeiro
Povo Brasileiro

E os dragões impacientes
Nos cavalos impacientes
Esperam impacientes
Que o acadêmico exponha
A dedicação
Da gente brasileira
Pelo seu Presidente

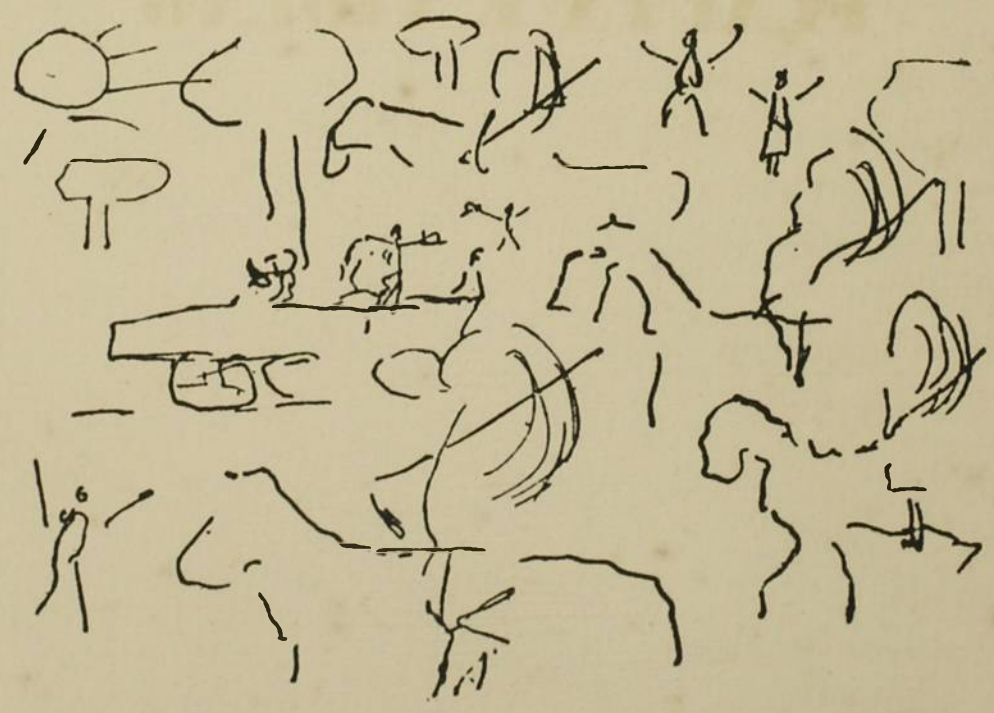
Ao lado
Tendo na mão
Espalmada
Os 14 versos brancos
Duma Vitória Régia

Destaca-se
A Rainha dos Estudantes
Dos Estados Unidos do Brasil

E' uma mocinha
Como a futura mãe-pátria

Lá fóra as árvores dragonas sacodem os penachos pesados
Dizendo que sim verde

Os cavalos esperam
Os dragões esperam
O povo esperam
Que passe no aníl
Entre filas
Do mar e do céo
O Presidente
Do Brasíl



LAUS NOSSA SENHORA DA APARECIDA

CÂNTICO DOS CÂNTICOS PARA FLAUTA E VIOLÃO

oferta

Saibam quantos êste meu verso virem
Que te amo
Do amor maiór
Que possivel fôr

canção e calendário

Sol de montanha
Sol esquivo de montanha
Felicidade
Teu nome é
Maria Antonieta d'Alkmin

No fundo do poço
No cimo do monte
No poço sem fundo
Na ponte quebrada
No rêgo da fonte
Na ponta da lança

No monte profundo
Nevada
Entre os crimes contra mim
Maria Antonieta d'Alkmin

Felicidade forjada nas trevas
Entre os crimes contra mim
Sol de montanha
Maria Antonieta d'Alkmin

Não quero mais as moreninhas de Macedo
Não quero mais as namoradas
Do senhor poeta
Alberto d'Oliveira
Quero você
Não quero mais
Crucificadas em meus cabelos
Quero você

Não quero mais
A inglêsa Elena
Não quero mais
A irmã da Nena
Não quero mais
A bela Elena
Anabela
Ana Bolena
Quero você

Toma conta do céo
Toma conta da terra
Toma conta do mar
Toma conta de mim
Maria Antonieta d'Alkmin

E se êle viér
Defenderei
E se ela viér
Defenderei
E se êles viérem
Defenderei
E se elas viérem todas
Numa guirlanda de fléchas
Defenderei
Defenderei
Defenderei

Cáis de minha vida
Partida sete vêses
Cáis de minha vida quebrada
Nas prisões
Suada nas ruas
Modelada
Na aurora indecísa dos hospitais

Bonançósa bonança

convite

Escuta este verso
Qu'eu fiz pra você
Pra que todos saibam
Qu'eu quero você

imemorial

Gesto de pudor de minha mãe
Estrela de abas abertas
Não sei quando começaste em mim
Em que idade
Em que eternidade
Em que revolução solar
Do claustro materno
Eu te trazia no cólo
Maria Antonieta d'Alkmin

Te levei solitário
Nos ergástulos vigilantes da órdem intraduzivel
Nos trens de subúrbio
Nas casas alugadas
Nos quartos pobres
E nas fugas

Cáis de minha vida errada
Certêsa do corsário

Porto esperado
Coral caído
Do oceano
Nas mãos vazias
Das plantas fumegantes

Mulher vinda da China
Para mim
Vestida de suplícios
Nos duros dorsos da amargura
Para mim
Maria Antonieta d'Alkmin

Teus gestos saíam dos borralhos incompreêndidos
Que tua boca anciósa
De criança repetia
Sem saber
Teus passos subiam
Das barrócas desesperadas
Do desamôr
Trazias nas mãos
Alguns livros de estudante
E os ólhos fináis de minha mãe

alerta

Lá vem o lança-chamas
Péga a garrafa de gazolina

Atira
Eles querem matar todo amor
Corromper o pólo
Estancar a sêde que eu tenho d'outro ser
Vem de flanco, de lado
Por cima, por traz
Atira
Atira
Resiste
Defende
De pé
De pé
De pé
O futuro será de toda a humanidade

fabulário familiar

Se eu perdesse a vida
No mar
Não podia hoje
T'a ofertar
Os nevoeiros, as forjas, os Baependís

acalanto

Acuado pelos moços de forcado
Flibusteiro
Te descobri

Muitas vêses pensei que a felicidade sentasse á minha mesa
Que me fosse dada no locutório dos confessionários
No hipnose das bestas-feras
No salto-mortal das ródas-gigantes
Ela vinha intácta, silenciosa
Nas bandas de música
Que te anunciavam para mim
Maria Antonieta d'Alkmin

Quando a luta sangrava
Nas feridas que sangrei
C'o alfinete na cabeça te deixei
Adormecida
No bosque
T'embalei
Agora te acordei

relógio

As coisas são
As coisas vêm
As coisas vão
As coisas
Vão e vêm
Não em vão
As horas
Vão e vêm
Não em vão

compromisso

Comprarei
O pincél
Do Douanier
Pra te pintar
Levo
Pro nosso lar
O piano periquito
E o Reader's Digest
Pra não tremer
Quando morrer
E te deixar
Eu quero nunca te deixar
Quero ficar
Preso ao teu amanhecer

dóte

Te ensinarei
O segredo onomatopaico do mundo
Te apresentarei
Thomaz Morus
Federico Garcia Lorca
A sombra dos enforcados
O sangue dos fuzilados
Na calçada das cidades inaccessiveis

Te mostrarei meus cartões postais
O velho e a criança dos Jardins Públicos
O tou-tou de dansarina sobre um táxi
Escapados ambos da batalha do Marne
O jacaré andarilho
A amadora de suicídios
A noiva mascarada
A tonta do teatro antigo
A metade da Sulamita
A que o palhaço carregou no carnaval
Enfim, as dezesete luas mecânicas
Que precederam teu uno arrebol

marcha

Todos virão para o teu cortejo nupcial
A princêsa Patoreba
Coroada de foguetes
A Senhora Dona Sancha
Que todos querem ver
O tangolomango
E seus mortos mastigados
Nas laboriósas noites processionais

Todos comparecerão
O camarada barbudo
O bobo-alegre
O salvado de diversos pavorósos incêndios

O frade máu
O corretor de cemitérios
E onde estiver
O Pinta-Brava
Meu irmão
Tatá, Dudú, Popó, Sicí, Lelé

Não quero sombra de cera
Nem noite branca de resa
Quero o velório pretoriano
De Sócrates
Não o bestiário
De Casanova
Não quero tochas
Não quero vê-las
Tatá, Dudú, Popó, Sicí, Lelé
O tio da América
A igreja da Aparecida
O duomo de Milão
O trêm, a canôa, o avião
Tudo darei às mesas anatômicas
Do mastigador de entranhas

himeneu

Para teu corpo
Construirei o docel
Abrirei a porta submissa

Ligarei o rádio
Amassarei o pão.

black-out

Girafas tripulantes
Em paraquédas
A mão do jaburú
Róda a mulher que chóra
O leão dá trezentos mil rugidos
Por minuto
O tigre não é mais féra
Nem borboletas
Nem açucenas
A carne apênas
Das anemônas

Na espingarda
Do peixe espada
Transcontinental ictiosauro
Lambe o mar
Vôa, revôa
A moça enastra
Enforca, empala
Á espera eterna
Do Natal

Desventra o ventre donde nasceu
A neutra equipe

Dos sem luar
No fundo, fundo
Do fundo mar

Da podridão
As sereias
Anunciarão as seáras

mea culpa, lear

Na hora do fantásma
Entre corujas
Jocasta soluçou
O palacio de fósforo
Múltiplas janelas
Desmaiou

— Porque calaste os sinos?
  Meu filho, filho meu!
— Dei, dei, dei
— Onde puzeste os reinos e as vitórias
  Que minha extranha serenidade prometía?
— Era usurpação. Paguei
— Passaste fome?
— Muitas vêses comi as marés de meu cérebro

encerramento e gran-finale

Nada te sucederá
Porque inerme deste o teu aféto
No sôco do coração
Te levarei
Nas quatro sacadas fechadas
Do coração

Deixei de ser o desmemoriado das idades de ouro
O mago anterior à toda cronologia
O refém de Deus
O poeta vestido de folhagem
De côcos e de crâneos
Alba
Alfáia
Rosa dos Alkmin
Dia e noite do meu peito que farfalha

A teu lado
Terei o mapa-mundi

Em minhas mãos infantes
Quero colher
O fruto crédulo das semeaduras
Darei o mundo
A um velho de júba
A seu procurador mongól
E a um amigo meu

Com quem pretenderam
Encarcerar o sól

Viveremos
O corsário e o porto
Eu para você
Você para mim
Maria Antonieta d'Alkmin

Para lá da vida imediata
Das tripulações de trincheira
Que hoje comigo,
Com meus amigos redivivos
Escutam os assombrados
Brados de vitória
De Stalingrado

S. Paulo — Dezembro de 1942

POÊMAS MENORES

êrro de português

Quando o português chegou
Debaixo d'uma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português

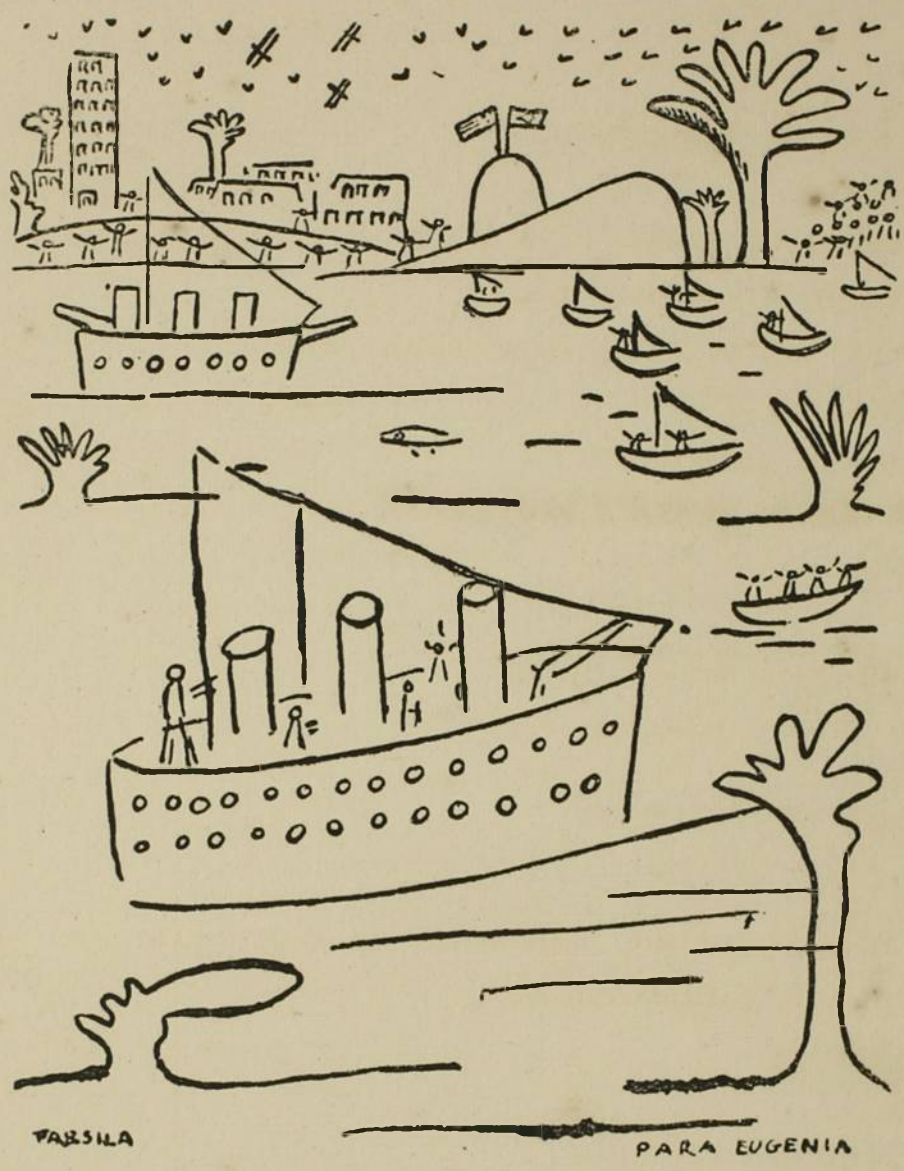
1925

epitáfio

Eu sou redondo, redondo
Redondo, redondo eu sei
Eu sou uma redond'ilha
Das mulheres que beijei

Por falecer do oh! amor
Das mulheres de minh'ilha
Minha caveira rirá ah! ah! ah!
Pensando na redondilha

1925



hip! hip! hoover!

MENSAGEM POÉTICA DO POVO BRASILEIRO

América do Sul
América do Sol
América do Sal
Do Oceano

Abre a joia de tuas abras
Guanabára
Para receber os canhões do Utah
Onde vem o Presidente Eleito
Da Grande Democracia Americana
Comboiado no ar
Pelo vôo dos aeroplanos
E por todos os passarinhos
Do Brasil

As corporações e as famílias
Essas já sairam para as ruas
Na ânsia
De o vêr
Hoover!
E este país ficou que nem antes da descoberta
Sem nem um gatuno em casa
Para o vêr
Hoover!

Mas que mania
A polícia persegue os operários
Até nesse dia
Em que êles só querem
O vêr
Hoover!

Póde ser que a Argentina
Tenha mais farófa na Liga das Nações

Mais crédito nos bancos
Tangos mais cotubas
Póde ser

Mas digam com sinceridade
Quem foi o povo que recebeu melhor
O Presidente Americano
Porque, seu Hoover, o brasileiro é um povo de sentimento
E o senhor sabe que o sentimento é tudo na vida
Tóque!

1928

glorioso destino do café

Para o Germinal Feijó

Pequena árvore
Cheia de chícaras
Te dei
Adubo
Trato
Colono
Céo azul
E tu deste
A safra
Dos meus anos fazendeiros

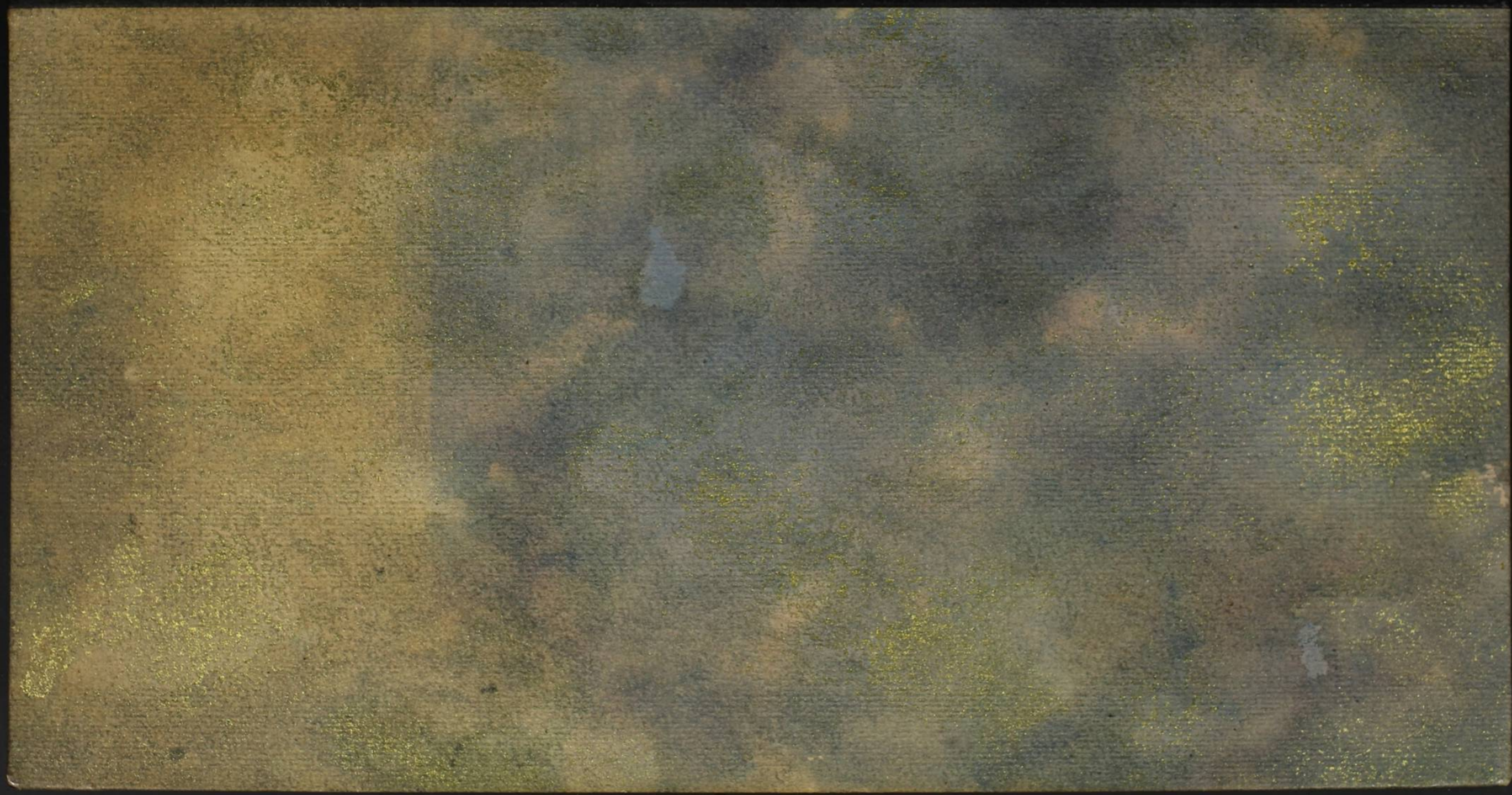
Depois deste
O desástre
E de borco no chão
Me recusei
A achar desgraçados os meus dias
Sentí que como tú
Pequena árvore

Milhões de homens de minha terra
Haviam sido queimados
Decepados dos seus troncos
Para que se salvasse
Sobre a miséria de muitos
O interesse dos imperialismos
E se apasiguasse a gula
De seus sequáses tempestuósos

E déste
Em chícaras
O travo da tua côr madura
Sentí no teu calor
Aquecído nos fogareiros pobres
O rubí da revolução

E como muitos me armei
Cavaleiro de ferro
Nos lençóes rasgados
Dos cortíços
E nas praças tumultuósas
E como tú pequena árvore debordada
Debordado do latifúndio
Saí ao encalço da felicidade da terra

1944

POESIAS REUNIDAS O. ANDRADE

0001126